

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

Data / /

Cod. K2D00003

REVISTA

# RONDON

Projeto Rondon: 12  
anos de sucesso

---

Entrevista com  
Orlando Villas Boas

---

Rondonianos contam  
suas experiências

Dezembro-78/ Março-79

Publicação da Assessoria  
Brasileira de Comunicação e  
Editoração Ltda.  
Av. Vieira de Carvalho  
c/ Rua Aurora, 776 - 24.º,  
conj. 244 - Fone: 223.2820  
São Paulo, SP

**Diretor Responsável**  
Nelson Rocha Egidio  
Pereira da Silva

**Gerente de Publicidade**  
Maria Erminia da  
Silva Correia

**Contato**  
Fátima Aparecida Roque

**Tráfego**  
José Pereira da Silva

Editada por Edmetec —  
Edições Médicas, Técnicas e  
Científicas S/C  
Rua Dr. Penaforte Mendes, 53  
Fones: 256.5643 - 258.8178  
São Paulo, SP

**Diretor**  
José Marcio da Silva Araujo

**Editor Chefe**  
Saulo Barros  
M.T.P.S. n.º 8312

**Redação**  
M. Lima  
Pedro Ribeiro  
Neusa Ribas

**Planejamento gráfico**  
Claudio Gaspar

**Fotografia**  
Maria Regina Cardoso

**Capa**  
Paulo Cesar P. dos Santos

**Composição e fotolito**  
Empresa Jornalística  
Gazeta Mercantil S/A

**Impressão**  
Lúcida Artes Gráficas Ltda.  
Rua Dr. Penaforte Mendes, 93  
Fone: 258.8178  
São Paulo, SP

*Nós da Revista Rondon procuramos, neste número especial, prestar uma homenagem ao marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Porque Rondon foi o primeiro grande soldado da árdua e heróica luta pela integração nacional. Os seis mil quilômetros de linhas telegráficas e a sua humanista obra de pacificação do indígena possibilitaram a interiorização do desenvolvimento. Que em cada brasileiro patriota, na luta pela integração, paire o espírito do velho marechal!*

*Ao nosso ver, esse espírito heróico hoje permanece na garotada do Projeto Rondon. O rondoniano é antes de tudo um herói. Porque ele bem sabe que o importante não é ter o mapa do Brasil pendurado na parede. É essencial que se caminhe sobre ele, na luta pelo desenvolvimento brasileiro. Os depoimentos desta edição bem atestam quanto o Projeto Rondon entusiasmou a nossa juventude.*

*A entrevista com Orlando Villas Boas, sério candidato ao Prêmio Nobel da Paz, é um brado de alerta do valor do Projeto Rondon. Por outro lado, é necessário manter o idealismo inicial do Projeto. Que o Projeto Rondon continue como atitude da comunidade em sua luta desenvolvimentista e pela emancipação nacional, como bem assinalou Orlando Villas Boas.*

*A Revista Rondon, mantendo sua característica de órgão independente, pretende iniciar, a partir de agora, uma nova fase editorial, divulgando os programas do Governo que procuram integrar o homem à realidade nacional. Procuraremos divulgar o trabalho das entidades, governamentais ou não, pela integração nacional. As Superintendências (SUDENE, SUDAM, CNPQ, SUDELPA, Projeto Radam, etc.) terão, nas páginas desta publicação, o destaque necessário do seu trabalho. Além de, naturalmente, continuarmos a focar as atividades do Projeto Rondon.*

*Esperamos que a futura gestão da Fundação Projeto Rondon e de outras entidades prestem-nos sempre a sua valiosa colaboração para que possamos levar nossos objetivos até o fim.*

**SUMÁRIO**

Orlando: um admirador de Rondon.....	2
Construir e vibrar: meta do rondonismo.....	10
O entusiasmo de um ex-presidente.....	16
No exemplo de Irecê, a força do rondonismo.....	19
Depoimentos.....	24
O Brasil visto por rondonianos gaúchos.....	30
Uma vida dedicada ao índio.....	34
Repassando a glória do Rondon.....	42

---

# Orlando:

## um admirador de Rondon

---

*Orlando Villas Boas é indianista. Sua luta pela preservação ecológica levou-o a passar décadas embrenhado na selva com seus irmãos Cláudio e Leonardo. Embora, à primeira vista, possa parecer mais um pacato funcionário público, sua consciência ecológica e obra humanista acarretou em sua aposentadoria. Orlando, nesta entrevista feita sob a jaboticabeira do quintal de sua casa, fala do marechal Rondon e do Projeto Rondon.*

---

**P — Orlando, como está sua vida depois da aposentadoria?**

R — Não é possível viver com dez salários mínimos que recebemos da aposentadoria da FUNAI. De surpresa, a Assembleia Legislativa, por proposta do governador, nos deu uma pensão. E somos muito gratos a Paulo Egydio por isto. Além disso, somos assessores do presidente da FUNAI. Não acredito que o futuro presidente vá nos chamar para assessorá-lo.

**P — Em que consiste essa assessoria?**

R — Somos assessores privilegiados. Nós ficamos em São Paulo e eles lá em Brasília. Só quando precisam da gente é que nos chamam. Essa assessoria apareceu como solução àquela enorme campanha que a imprensa fez sobre nossa aposentadoria. Nossa aposentadoria ia sair à base de 700 cruzeiros por mês. Ai, quando eu soube, mandei suspendê-la e a imprensa começou a campanha. Pensaram em nos dar uma aposentadoria especial, mas que não pode sair porque era ilegal. Nos aconselharam a sair do funcionalismo público e passar

para a C.L.T. A solução acabou sendo a Assessoria. Nós somos chamados a Brasília quando há algum atrito, algum conflito.

O novo Presidente da FUNAI não tem obrigação de manter essa assessoria e a que ele precisa não tenho condições de dar. Há uma porção de livrinhos que estou a fim de escrever. Como assessor eu viajava muito. Congressos em São Paulo, Rio e Minas... Eu não sei se o presidente da FUNAI vai querer tudo isto. De hoje em diante já me considero desligado dessa assessoria. Se não vier a Assessoria, a saída é sobreviver fazendo palestras com remuneração relativamente baixa. Mas até aí a gente aguenta o batente.

---

***O telégrafo sem fio chegou quando Rondon acabou de levantar o último poste.***

---

**P — Como você conheceu o marechal Rondon?**

R — Quando foi criada a expedição Roncador-Xingú o primeiro passo que a expedição teria que dar do Rio das Mortes em diante, na Serra do Ron-

cador, seria em território Xavante. Naquele tempo o Xavante era um índio arredo e agressivo. Era o limite do avanço civilizatório. Então o Cel. Vanik, chefe da guarda do Getúlio, recrutou doze "distintos" soldados da polícia goiana. Você imagina, se a nossa polícia que é altamente alfabetizada e educada é assim truculenta, faça idéia o que era a polícia goiana há quarenta anos atrás. Era gente recrutada no garimpo. Tudo fascina. Bem, esses doze soldados mais um major, foram convocados para limpar o caminho da expedição. Rondon teve conhecimento disso e entrou em pânico, porque, é claro, os índios seriam sacrificados.

**P — E como vocês entraram nessa expedição?**

R — Rondon fez um apelo ao ministro João Alberto para que tal coisa não acontecesse. O ministro João Alberto, um homem sensível (eu mesmo fui secretário dele) despediu a polícia goiana, contrariando a vontade do chefe da expedição, e nos convidou para a vanguarda da expedição.

**Na expedição do coronel Vanik alfabetizado não participava**

**P — Como você ficou sabendo desta expedição?**

R — O cel. Vanik, chefe da expedição, fazia uma confusão entre sertanejo e analfabeto. Cláudio, Leonardo e eu já havíamos tentado entrar na expedição, mas não nos deixaram porque o coronel achava que alfabetizado não tinha resistência para o sertão. Daí deixamos a barba crescer e entramos como analfabetos. Eu fui ser ajudante de pedreiro e o Cláudio e o Leonardo pegaram na enxada. Um dia, o avião atolou e o Cláudio foi chamado pelo piloto para auxiliá-lo. Daí o piloto descobriu que o Cláudio não era analfabeto e denunciou-o ao Vanik, que estava com crise de alfabetizados. Ele precisava de

pessoal para a burocracia. Assim eu passei a ser secretário da base.

**P — E daí para a frente, o que aconteceu?**

R — Entramos em terras Xavantes e pelo nosso trabalho o Rondon nos nomeou delegados do Conselho Nacional de Proteção ao Índio. Ai eu vim ao Rio de Janeiro para receber essa designação e tive o primeiro contato com ele. E depois, pela vida afora, até a sua morte, mantivemos sempre um contato. Parecia que ele nos estimava muito e nós nos sentíamos honrados em receber essa deferência. Eu considero Rondon o maior humanista brasileiro deste século. Pela sua formação,



pelo trabalho que fez, pelas coisas fantásticas que deixou para a humanidade.

**P — E qual foi afinal a grande contribuição do Rondon?**

R — Antes de 1910 o índio era considerado um bicho. Não havia punição para quem matasse índio. Rondon criou o Serviço de Proteção ao Índio no governo do então presidente Nilo Peçanha. Em 1927, criou o Conselho Nacional de Proteção ao Índio do qual foi presidente até morrer. Paralelamente a este trabalho com o índio, o marechal montou as linhas telegráficas. Seis mil quilômetros de linha, arrastando fios de cobre pesados prá burro, levantando

postes de São Paulo até Manaus. Quando ele colocou o último poste, inventaram o telégrafo sem fio. Mas a grande obra do marechal foi junto ao índio. De 1910 a 1930 foi a fase áurea do índio.

**P — Como acabou esta fase áurea e se reiniciou o etnocídio?**

R — Ai começaram a descobrir as riquezas deste País. Os grandes pinheirais do Paraná eram de índios. As grandes reservas florestais eram de índios. Era preciso expulsar o índio para explorar a terra. Então a luta começou aqui no sul. Na construção da estrada de ferro Noroeste. De dia, os engenheiros e trabalhadores colocavam os fios que, à noite, eram arrancados pelos índios Cainganges.

**P — O que você acha das idéias do Rondon a respeito do problema indígena?**

R — Foi ele quem implantou o Serviço de Proteção ao Índio. Se não fosse ele os índios teriam sofrido muito mais. Houve massacres brutais. Foi até criado o Serviço de Proteção aos Trabalhadores da Amazônia, que era contra os índios. Rondon possuía um grupo de tirar o chapéu: Horta Barbosa, Botelho de Magalhães, Major Rabelo e outros. A política indigenista daquela época propunha a integração do índio na sociedade. Era favorável que nas grandes concentrações indígenas se estabelecesse grupos militares. A guarda índia militarizando o índio.

**P — Esta política de integração do índio foi responsável, em grande parte, pelo etnocídio. Como Rondon sentia esta contradição?**

R — Era o que se pensava na época sobre os índios. Depois o marechal compreendeu que não há lugar para índio na nossa sociedade. Que o índio só sobrevive na sua própria cultura.

**P — Como ele chegou a esta conclusão?**

R — Ele mudou depois da experiência do Parque Nacional do

Xingú. Hoje o Parque está abalado pela destruição ecológica. Foi cortado pela Rodovia BR-80, aliás uma rodovia de expansão e colonização que não tinha a mínima necessidade de atravessar o Parque.

---

**Tenho fé nesta geração. As crianças são mais preocupadas que os universitários.**

---

**P — Você acredita que a luta pela defesa ecológica, no momento em que amadureça um pouco mais, ajudará a salvar o índio?**

R — É uma luta paralela à preservação das culturas indígenas. As duas devem caminhar juntas. Uma coisa formidável é a criação de cadeiras de ecologia em algumas Universidades. A Faculdade de São Carlos vai formar a primeira turma de ecólogos. Nós estamos despertando um país novo. Eu tenho uma fé muito grande nesta geração que está chegando. Nas palestras em escolas do primeiro grau e universidades, fico de boca aberta ao ver como a meninada anda preocupada. As crianças mais que os universitários.

**P — Por que?**

R — Quase todo universitário se acha um gênio em potencial. Tem no bolsinho do colete todas as soluções. Quando vão a estas palestras dizem: "Eu fui ali ver um filminho de índio". Enquanto as crianças não. Elas levam o pai, a mãe e perguntam interessadas pelo problema dos índios. Para defender o índio, a conscientização tem que começar na família.

**P — O que a FUNAI e o general Ismarth fizeram pelo índio?**

R — O general Ismarth tem sido muito criticado, mas sem dúvida é um conhecedor da

questão indígena. Conhece todos os 176 postos da FUNAI, mas nem sempre toma as medidas necessárias e desejadas. Além disso, tem todo o entrave burocrático. Qualquer medida sua depende do ministro que depende do presidente. Por exemplo, se ele despede um mau funcionário, o sujeito arranja dois deputados, três senadores e pressiona através do ministro para que não seja demitido. Há pouco tempo ele resolveu demitir o diretor do Parque Nacional do Xingú. O que aconteceu? O cara levantou a classe dos antropólogos, de etnólogos, de jornalistas e fez uma campanha...



---

**"Em nome da Pátria cantamos o Hino Nacional, metemos o peito na baioneta do inimigo, defendendo a Terra"**

---

**P — Mas, concretamente, o que o general Ismarth fez pelo índio?**

R — Sua grande preocupação foi a terra. Para nós, brancos, é difícil entender a importância da terra para o índio. A terra representa suas tradições, seus antepassados, sua origem. A relação índio-terra é uma relação mística, enquanto para

nós é sócio-política. Em nome da pátria cantamos o Hino Nacional, metemos o peito na baioneta do inimigo, defendendo a terra. A FUNAI demarcou, nos últimos anos, 650 mil hectares de terras indígenas.

**P — Mas 650 mil hectares é irrisório, levando-se em conta que muitos projetos agro-pecuários têm mais de um milhão de hectares?**

R — O que eu quero dizer é o seguinte: a terra sempre provocou receio em todos os presidentes da FUNAI. No tempo de Rondon isso não acontecia porque não havia corrida para a terra. O Brasil era uma faixa litorânea e os índios estavam tranquilos no interior. Mas houve um presidente da FUNAI que protestou contra a devastação dos pinheirais do Paraná e do Rio Grande do Sul. Os grandes proprietários conseguiram envolvê-lo num processo incrível de calúnias e ele foi afastado. Hoje é aposentado com uma ninharia que dá pena. Daí todos os presidentes terem medo de mexer com a questão da terra. Ela envolve grandes interesses. E, no fim, o indivíduo ainda é taxado de antidesenvolvimentista. É como se o índio fosse um estorvo ao desenvolvimento. Veja bem, a Amazônia possui a mesma população do Brás, Belenzinho e Mooca e falta lugar para o índio. Esse é um país cheio de donos, mas desocupado.

**P — O futuro presidente da FUNAI, Ademar Ribeiro da Silva, que expectativa você faz dele?**

R — É engenheiro, foi diretor do DNER. É um sujeito assentado, pacato, conta até dez para tomar alguma atitude. Só que não conhece patavina de índio. E está lendo prá burro. Transpira um grande equilíbrio. Eu disse pra ele, que terá de pensar em duas coisas muito importantes que faltaram na gestão do general Ismarth: apoio integral e irrestrito do ministro do Interior e da Presidência da República.

*"Falavam 35 línguas diferentes. Não ficou o menor traço destas línguas. É um patrimônio cultural imenso que se perde".*

**P — O que o presidente Geisel fez pelo índio?**

R — Infelizmente, nos últimos tempos, foi o presidente que menos fez pelo índio. Deu sequência a um processo de extermínio do índio. Neste século desapareceram 93 nações indígenas, que falavam 35 línguas diferentes. Não ficou o menor traço de conhecimento sobre essas línguas. Quer dizer, é um patrimônio cultural imenso que se perde.

**P — Qual a expectativa que você faz do general Figueiredo sobre o problema do índio?**

R — Fui convocado para ter uma conversa rápida com ele. Ele queria algumas informações sobre o índio. Eu expliquei que o índio brasileiro representa uma parcela mínima da população, mas que contagia não só a opinião pública nacional como a do estrangeiro. É um problema social que se modifica a todo o momento. Não podemos tratar o índio como se fosse um problema qualquer: Instituto do Pinho, Instituto do Café, etc.

O governo Geisel fez grandes cortes de verbas da FUNAI. Estamos chegando ao fim do governo com 60 vagas de indigenistas, 108 de professores e 88 de enfermeiros. Não foi tomado muito a sério o problema do índio. Para o atual governo, o índio é um empecilho ao desenvolvimento. E foi nesta época que a FUNAI teve um dos presidentes que mais quis trabalhar. Mas todas as vezes que o Simonsen mandava apertar o cinto, apertavam o dos índios que não têm cinto. Já o Figueiredo disse que vai voltar os

olhos para o índio. Eu disse para ele que o índio tem que ser uma preocupação do poder central.

**O presidente governaria dois povos: um em explosão demográfica, outro em extinção.**

**P — O que você acha que o poder central poderia fazer pelo índio?**

R — Teve uma C.P.I. e eu propus que o índio ficasse subordinado à Casa Civil. Seria



até elegante, porque o presidente governaria dois povos: um em explosão demográfica e o outro em extinção. Mas a Casa Civil da Presidência da República não gostou da idéia. O coronel Ludwig só faltou xingar a minha família e disse que a Casa Civil está sobrecarregada. Eu pergunto: sobrecarregada de que? Só se for deles.

**P — E o Andreazza?**

R — Estou rezando para que ele volte os olhos para o índio e ajude a defendê-lo. Vai depender muito do Ministério do Interior. Mas vamos dar um voto de confiança ao Andreazza. Não podemos fazer um julgamento "a priori".

**P — A respeito do genocídio de que o índio é vítima, você acha que o índio adquiriu uma consciência como nos Estados Unidos?**

R — Há muita diferença. Quando os americanos começaram a invadir o oeste, todas as iniciativas eram governamentais. O próprio avanço era empurrado pelo governo. O governo lutou contra os Apaches. Aqui no Brasil o combate ao índio nunca foi uma preocupação do governo. O genocídio que aconteceu aqui nós poderíamos chamar de etnocídio. Foi com relação às nossas frentes despreparadas, em contato com um povo instável e indefeso.

**P — Aliás, a imprensa internacional, na metade da década de 60, comentou muito sobre a situação do índio no Brasil...**

R — Na época, o Albuquerque Lima era o Ministro do Interior. Mandou extinguir o SPI e para provar que o serviço não funcionava, abriu um inquérito incrível e começaram a surgir verdadeiras calamidades. Como a notícia do genocídio corria no exterior, ele convidou os jornalistas a virem aqui, averiguar o que realmente acontecia. Eu mesmo recebi um francês que não falava português. Esse jornalista foi lá para o Xingú e teve acesso a todos os processos. Ele pegou o massacre dos índios de Bauru de 1910 — quando os trabalhadores puseram camisa com varíola na mata, matando quase todos os índios — e noticiou como se isto tivesse acontecido em 1965. E colocou como se eu tivesse relatado isto para ele. Deu um trabalho desgraçado. Costa e Silva mandou me chamar para fazer uma carta desmentindo. E outros jornalistas, que também tiveram acesso aos processos deram a idéia de que a coisa teria sido muito pior do que realmente foi. Disseram que o governo estava incentivando o extermínio.

**Imagine que para salvar uma comunidade é necessário esperar alguém morrer!**

**P — E os índios que abandonam as reservas? Qual a solução?**

R — Prá uns eu não vejo solução, nem a FUNAI. Por exemplo: que solução se poderia dar aos índios de Mangueirinha, no Paraná? Eles saíram e se instalaram perto da represa de Santo Amaro, na terra de um japonês meio louco. Esse japonês escreveu uma carta dizendo que o dia em que morrer, a terra ficará para os índios, então os índios não querem sair de lá. A FUNAI não pode fazer nada, porque ela não pode aplicar dinheiro em terra que não é da União. Não é possível convencer o índio a voltar para Mangueirinha porque ele diz que lá jogaram feitiço, que lá eles não podem voltar. O índio tem liberdade de movimentação. Em Peruibe, litoral sul de São Paulo, também há muitos problemas. A reserva fica ao lado de um alambique e não se consegue destruir o alambique. Meu irmão conseguiu fazer prender o dono do alambique, mas, como ele tem uns generais amigos, acabou sendo solto e o delegado tem medo de prendê-lo agora. O jeito é esperar o desgraçado do dono do alambique morrer. Imagine que para salvar uma comunidade é necessário esperar alguém morrer!

**P — O que você acha do Projeto Rondon?**

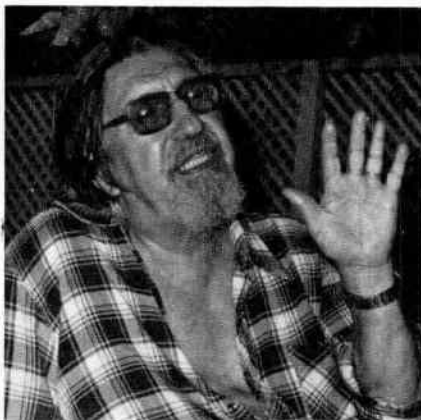
R — Foi uma homenagem ao marechal Rondon. Criado pelo ministro do Interior general Afonso de Albuquerque Lima, um dos oficiais mais extraordinários que eu já conheci. O objetivo era integrar o jovem à realidade brasileira. Internando-

se no Brasil afora, conhecendo seu miserável povo. Todos tinham por obrigação preparar um relatório sobre o que tinham visto e procurar fazer alguma coisa útil à população sertaneja. Depois que o Albuquerque Lima saiu, o Projeto mudou muito.

**“Mas muitos jovens se apaixonaram pelas áreas visitadas e depois de formados voltaram para lá.”**

**P — Em que mudou?**

R — Tornou-se menos crítico e mais assistencialista. Não



adianta nada dar uma injeção num doente em julho e outra em dezembro. Assim, como objetivo assistencial, o Projeto é muito fraco. Mas, de certa forma, continua latente o ponto de vista de Albuquerque Lima, porque esta rapaziada toda traz informações do interior do Brasil. Só que agora não têm mais a obrigação de fazer o relatório. Mas muitos jovens se apaixonaram pelas áreas visitadas e depois de formados voltaram para lá.

**P — O que você acha do Cacique Mário Juruna?**

R — O Juruna é um sujeito assim: ainda agora ele chegou para o Ademar e disse que eu estava ganhando dinheiro nas costas de índio. Lá no exterior. Eu estou ganhando dinheiro nas costas de índio porque meu livro

foi traduzido para o inglês. Ai eu o encontrei e lhe perguntei porque ele havia dito isso. Ele respondeu “Ah, falaram para mim”. No fundo Juruna é um bom índio. O que acontece é o seguinte: o índio não tem limite, e isso é uma questão de formação. Se ele começa a beber, bebe até cair, todos os dias. Se você tirar a cachaça dele, ele não bebe e não sente falta. O que aconteceu com o Juruna com aquela história do gravador? Alguns jornalistas deram ao Juruna um gravador. Ele foi falar com o ministro e gravou o que o ministro falava. O ministro não estava nem prestando atenção, pois nunca iria imaginar que um índio tivesse um gravador. Foi falar com o general Ismarth e gravou. Depois levou as fitas para os jornais. Ai os jornalistas começaram a incentivar. Daí ele quis gravar o Geisel e a Segurança colocou-o na rua. Outro dia, tentou falar com o general Figueiredo. Alguém precisa dizer-lhe que agora ele já está caindo no ridículo. O que acontece é que tem uma turma comprovadamente corrupta na FUNAI, que está utilizando o Juruna como menino de recados. E eles pagam para o Juruna, pelo trabalho, porque ele tem acesso a presidentes, coisa que esse pessoal da FUNAI não tem. Outro dia, encontrei o Juruna no aeroporto de Brasília. Quando nos despedimos, por engano, peguei a mala dele que é idêntica à minha. Ele veio atrás gritando: “ei, essa mala é a minha”. Daí eu lhe propus: “Vamos trocar, você, quer a minha?”. Ele não quis até o momento em que lhe disse que na minha havia dinheiro. Ai ele topou. Abriu a minha mala que só possuía um pijama, uma camisa, escova de dentes. Na dele, aberta por mim, havia um pacote de dinheiro e dois revólveres...

# Construir e vibrar: meta do rondonismo



O número cada vez maior de universitários interessados em participar das operações do Projeto Rondon, coloca para os seus dirigentes problemas de difícil solução. Como incorporar tantos voluntários dispostos a contribuir, ainda que minimamente, para o desenvolvimento do país? Como escolher dentre tantos universitários que buscam com verdadeiro idealismo e muito de espírito de aventura, tão característico nos jovens, aqueles que viverão as experiências das longas e agitadas Operações Nacionais?

Mas até que o Projeto Rondon conseguisse tal repercussão nos meios universitários, foram necessários muitos esforços e verdadeiro espírito de luta dos primeiros rondonianos, cujos sucessos e desafios enfrentados eram difundidos entre os colegas de bancos acadêmicos. Os episódios das longínquas e pobres regiões do país, o tra-

balho realizado, ainda que de modo limitado, entre populações cuja miséria só era conhecida através dos livros indicados em bibliografias de seminários, contagiavam os mais otimistas e instigavam os mais céticos.

O Projeto Rondon cresceu muito. E hoje é a Fundação Projeto Rondon, uma autarquia vinculada ao Ministério do Interior que lhe concede uma verba necessária para por em marcha muitas de suas operações. Dadas as próprias proporções alcançadas pelo Rondon, essa verba parece cada vez mais reduzida e, por outro lado, a crise econômica que atinge o orçamento da União, levou as últimas superintendências da Fundação Projeto Rondon a buscarem soluções financeiras que tornassem o Rondon cada vez mais independente dos subsídios governamentais. Sob esse quadro podemos entender o





planejamento da última gestão ao enfatizar a necessidade de se dar prioridade às Operações Especiais; os rondonianos executam tarefas para entidades privadas ou públicas que, através de convênio com a Fundação Projeto Rondon, encomendam a esta um determinado trabalho. Esse é o caso, por exemplo, do convênio firmado com o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, através do qual um grupo de universitários empreenderá o levantamento da flora, da fauna e do potencial turístico do Parque Nacional de Sete Cidades, no Piauí. Outro exemplo é o convênio firmado com a Embratur para o levantamento da rede hoteleira de João Pessoa. Para esse trabalho, inscreveram-se 200 universitários, dos quais apenas 20 foram aproveitados.

Essas Operações Especiais empregando universitários em

suas próprias regiões de origem, se pelo lado administrativo é uma das soluções encontradas para tornar a Fundação Projeto Rondon uma entidade autofinanciável, pois as empresas assumem os gastos tanto dos participantes quanto dos funcionários da autarquia, pelo lado dos estudantes lhes é dada a oportunidade de vivenciar a futura profissão, muitas vezes ao lado de renomados técnicos de diferentes setores, conhecendo assim seu mercado de trabalho nos locais onde exercerão suas atividades.

Com a meta prioritária fixada nas Operações Especiais, seria possível também, como afirmava um dos coordenadores da Fundação, uma mobilização mais fácil de um número maior de estudantes.

A experiência de 12 anos de Projeto Rondon transformou-o também em "know-how" bra-

sileiro, produto de exportação. Países da América Latina e da África começaram a se interessar em levar para as regiões de situação sócio-econômica semelhantes às regiões mais carentes do Brasil, as experiências dos rondonistas. Quando a hipótese de se exportar o "know-how" do Projeto Rondon se apresentou, os assessores da Fundação adiantavam que a orientação seria evitar que a ação comunitária, como já ocorrera no Brasil, fosse confundida com ação paternalista. Assim, em vez de se dar ênfase ao tratamento médico e odontológico por universitários dos países beneficiados, se valorizaria, sobretudo, os futuros profissionais nas áreas de agronomia, veterinária, engenharia, etc. Eles entrariam em contato com as comunidades carentes dos seus respectivos países e proporia as medidas



que deveriam ser tomadas para melhorar a qualidade de vida.

**Os 27 de 1967**

Um dia de 1967, o professor

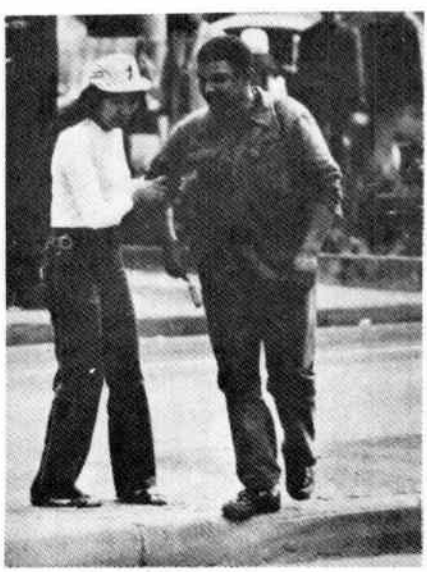
Wilson Choeri, da então Universidade do Estado da Guanabara, se queixava de que a Revolução estava alijando o universitário brasileiro do processo revolucionário. Ouvia-o o comandante da Escola do Estado-Maior do

Exército da época, o general Bira Machado. O professor sugeriu uma forma de melhor integrar o estudante à realidade brasileira, tão desconhecida pela grande maioria. O general o desafiou a realizar ele mesmo o que estava sugerindo ao governo. O professor Choeri não vacilou. Aceitou o desafio.

No "I Seminário de Educação e Segurança Nacional" que contou com a participação de várias entidades, como a PUC do Rio de Janeiro e a Universidade do Estado da Guanabara, desenharam-se os primeiros traços de um projeto de integração do universitário aos problemas do país.

Em julho de 1967, o professor Choeri conseguiu a adesão de 27 universitários cariocas que, liderados pelo próprio Choeri e coordenados por Omir Fontoura, partiam rumo à distante Porto Velho, onde se desmatava a estrada Brasília-Porto Velho. Iniciava-se, assim, a heróica expedição de um punhado de estudantes para quem o gigante Brasil era apenas vislumbrado num mapa. O Ministério do Interior confiando nos designios desses jovens, colocou à disposição um velho, mas ainda eficiente, DC-3.

O sucesso que as equipes iam



alcançando nas mais diversas áreas em que atuavam, chegava imediatamente à imprensa da época e conquistava a atenção das autoridades. A pobreza, a ignorância milenar das populações com as quais entravam em contato abriam-lhe ainda mais o sentimento de participação. Vacinar animais, instruir populações sobre higiene básica, propôr métodos de trabalho mais eficientes, ocupavam o dia e a noite desses pioneiros. Nem sempre era possível evitar o paternalismo. O importante era mostrar a esses homens que a superação de suas prementes dificuldades dependia do esforço deles mesmos, unidos.

Os recursos materiais eram mínimos. Em muitas situações

enfrentadas e a rapidez que exigiam não havia outro recurso que não a improvisação. A própria carência de infraestrutura nas regiões de atuação, como a falta de luz elétrica, de água encanada, de rede de esgoto não permitiam pensar em técnicas mais sofisticadas. Os problemas se apresentavam e era necessário procurar sua solução com o que se tinha em mãos. E a participação da comunidade era indispensável.

A volta dos integrantes do "PR-O" — como fora posteriormente batizada essa primeira expedição — foi triunfal. Jornalistas, militares, parentes e amigos receberam-nos entusiasticamente. Eram heróis de um novo tempo: Tempo de Integração.

### Operação nacional: como conhecer o Brasil fazendo força

O "PR-O" serviu de modelo para as operações que lhe sucederam. Com o Decreto n.º. 62.937/68, o governo reconheceu a existência do Projeto Rondon, sob a forma de um Grupo de Trabalho, em caráter permanente. O Decreto n.º. 67.505, de 1970, reformulou o Grupo de Trabalho, denominando-o simplesmente "Projeto Rondon" que adquiria, ao mesmo tempo, autonomia administrativa e financeira.

A oficialização do Projeto Rondon se deveu à necessidade de sistematizá-lo, de conferir-lhe o indispensável ordenamento

# Poluição é doença. E tem cura.

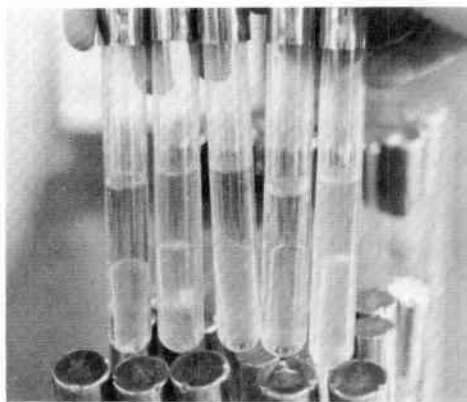
*Essa doença chamada poluição tem cura. E seu remédio é tecnologia de saneamento ambiental. Um remédio que a Cetesb fabrica e receita diariamente.*

*O trabalho da Cetesb é estudar, pesquisar e indicar a melhor maneira de afastar as criaturas humanas de tudo o que esteja sujo, poluído ou contaminado.*

*Hoje, a Cetesb é a maior empresa latino-americana desenvolvendo tecnologia de saneamento ambiental.*

*O ar, o solo e a água estão sob constante vigilância da Cetesb em suas múltiplas atividades de saneamento.*

*Eis alguns dos serviços que a Cetesb lhe oferece, mesmo que seu projeto ainda esteja em fase de planejamento:*



- controle de qualidade do meio ambiente;
- controle de qualidade de materiais e equipamentos destinados ao saneamento ambiental,

- por meio de acompanhamento na fábrica, inspeções e ensaios;
- assistência técnica especializada em exames de projetos, supervisão de serviços e obras, operação e manutenção de sistemas operacionais;
- treinamento e aperfeiçoamento de pessoal especializado.

*Você pode utilizar todo o conhecimento da Cetesb em saneamento ambiental. É só nos escrever ou nos visitar.*

**CETESB**

CETESB - Cia. de Tecnologia de Saneamento Ambiental  
Av. Prof. Frederico Hermann Jr., 345 - Tel.: 210-1100  
Telex: 22-22246 - CEP 05459 - SP

Governo do Estado de São Paulo



Desenvolvimento para Todos



jurídico, pois, sem isso as autoridades ver-se-iam impossibilitadas de fornecer-lhe os recursos humanos, materiais e financeiros de que necessitava. De outro modo, suas iniciativas

esbarrariam nos empecilhos decorrentes dos mecanismos burocráticos, com seus instrumentos disciplinadores da organização e funcionamento das instituições administrativas.

Na verdade, para o universitário que voluntariamente participa de uma Operação Nacional, a organização burocrático-administrativa apenas lhe garante uma infraestrutura básica: trans-

**Programa de Áreas Prioritárias** — Incorpora o caráter estratégico que informou todas as atividades básicas do Projeto Rondon até agora. Atinge, em caráter de ação permanente, áreas selecionadas em Estados brasileiros, onde estejam sendo desenvolvidos projetos prioritários dos governos Federal e Estadual.

Este programa oferece a possibilidade de atuação contínua, já que engloba e expande as operações realizadas em período de férias escolares — Nacional e Regional — completando-as com a participação de equipes de acadêmicos, durante o período letivo, para a realização de projetos específicos.

A Operação Nacional, englobada neste Programa, é realizada nos meses de janeiro e fevereiro, e se caracteriza pelo intercâmbio de universitários

entre as diversas regiões. Durante a Nacional, o rondoniano se desloca de sua área de origem para outra com realidade completamente diferente.

A Regional, desenvolvida nas férias de julho, tem como característica básica a atuação no mesmo Estado de origem, devido ao curto espaço de tempo, que não permite um grande deslocamento.

**Programa de Apoio à Extensão Universitária** — Este programa abrange dois subprogramas: o de Campus Avançado e o de Seminários. Através do Campus é mantida a continuidade do assessoramento e interiorização de técnicas modernas que vêm sendo prestados às comunidades carentes, ao mesmo tempo que permite à Universidade retroalimentar-se e adequar-se melhor à realidade nacional. O Projeto Rondon tem Campi Avançados instalados em locais estratégicos do país, que

representam uma extensão o ano inteiro, através do revezamento de equipes.

O segundo subprograma é executado na forma de Seminários, abordando problemas brasileiros, nos diversos Estados. O objetivo é proporcionar ao participante o exame e o debate de temas relacionados com a problemática do desenvolvimento nacional.

**Programa de Operações Especiais** — Tem caráter eminentemente social, dirigido para atividades específicas nas áreas urbanas, em função do interesse de órgãos públicos federais, regionais, estaduais, municipais e entidades diversas. As opções permitidas pela flexibilidade do Programa, são viabilizadas em conjunto de projetos integrados, visando a realização de campanhas, levantamentos, estudos e outros trabalhos, conforme as necessidades e interesses locais.



porte, alojamento, alimentação e alguns materiais para desempenhar suas tarefas junto às comunidades.

Para o rondoniano da Operação Nacional, o ponto de partida é a viagem. Dentro do onibus ou do avião que o conduz às localidades tão distintas de seu mundo, começa a grande maratona. No quebra-gelo com os companheiros de viagem, se inicia um relacionamento em que idealismo, propósitos e trabalhos comuns fazem nascer uma profunda amizade. Os seus laços são tão fortes quanto à solidariedade que os uniu. Uma amizade superior porque a sua solidez não está no fato de se fixar em si mesma, mas por expressar a vontade comum de participar ativamente no processo de valorização do homem brasileiro.

No contato e no trabalho desenvolvido com comunidades paupérrimas, a transparente realidade de um Brasil contrastante. Homens e mulheres envelhecidos precocemente pela doença e subnutrição; crianças que escaparam do alto índice de mortalidade infantil para sobreviverem com as mais diferentes doenças. Ante esse quadro

constrangedor, o rondoniano começa a sentir um dos primeiros sintomas de seu amadurecimento: a humildade. E é a partir dessa humildade que sua consciência vai se formando e sua força vai crescendo. Não pode mais escapar à responsabilidade de sua condição humana. Como ele a partir desse momento vai começar a atuar na sociedade, vai depender de outras circunstâncias que a própria sociedade lhe impõe.

Mas ali, aonde a Operação Nacional o levou, há pouco tempo para elocubrações mais abstratas. Há muito para aprender. Menos do que para ensinar ou dar. Nas muitas tarefas de que é incumbido, sabe que o principal é trabalhar com e não para a comunidade. E, de acordo com muitos depoimentos de rondonianos, os moradores não esperam outra coisa.

É o outro grande momento da

experiência rondoniana: a descoberta do homem simples. O frango ao molho pardo que uma criança leva até o acampamento do universitário não é apenas uma forma de pagamento por esse ou aquele serviço, mas também o auto-reconhecimento da comunidade em saber-se preparada para uma atuação coletiva.

De volta aos locais de origem, o rondoniano tem a certeza de que viveu algo mais profundo do que uma aula prática de Brasil desconhecido. Não foi uma experiência que ficou para trás. Ao contrário, ela se fixou na própria perspectiva do futuro médico, engenheiro, sociólogo ou homem público. Mesmo a percepção social da realidade dos grandes centros foi mais aguçada. Onde quer que esteja, o rondoniano não esquece a responsabilidade da condição humana.

# CEBEC

ar condicionado  
nós criamos o clima

**CEBEC S.A.**  
Engenharia e Indústria  
NÓS CRIAMOS O CLIMA

Rua Emilio Goeldi, 201  
Tel.: 262-4077 (PABX) - São Paulo

---

# O entusiasmo de um ex-presidente

---

*Em 1977, o Projeto Rondon completava dez anos de existência. Colhemos da imprensa da época o depoimento do sr. Mário Garnero, presidente da Fundação Rondon, cujo mandato se encerrou em março de 1979. No depoimento do sr. Mário Garnero, o balanço e as perspectivas do Projeto Rondon.*

“A mobilização política estudantil não é, em absoluto, incompatível ou conflitante com os propósitos de cunho estritamente social que caracterizam o Projeto Rondon; pelo contrário, seus objetivos se complementam; o Rondon nunca representou uma salvação para os estudantes impedidos de atuar efetivamente no processo político do país. Os resultados já alcançados pelo Projeto Rondon representam um estímulo para que prossigamos. O Programa de Áreas Prioritárias é um poderoso canal de entrosamento do universitário com a realidade nacional, às vezes em suas manifestações mais contundentes. É a miséria que vêem é o sofrimento que sentem, é a consciência testemunhal da existência solitária de milhares de brasileiros que conferem ao

universitário participante das Operações Nacional e Regional a sensação de sua utilidade, de sua sua força de promoção de fraternidade pelo trabalho, por reduzido que seja.

Os projetos executados nessas duas operações têm uma elevada densidade social. É o caso dos cursos de planejamento e ensino para professores de 1º e 2º graus; campanha de documentação civil; pesquisa sobre a influência de alimentação no rendimento escolar; educação sanitária; pesquisa de transmissões de doenças de Chagas; campanha de conservação e valorização da flora e da fauna.

Quanto ao trabalho de apoio às instituições de ensino superior, vale destacar o desempenho dos **campi** avançados. A atuação dos 22 **campi** (11

deles na Amazônia) tem caráter permanente, revezando-se, mensalmente, turmas de 10 membros (professores e alunos) da Universidade responsável por sua operação.

No caso dos **campi**, dificuldades financeiras obrigam a fixação de metas mais modestas, reduzindo-se os participantes de 20 para os atuais 10 universitários. Seu papel, todavia, mostrou-se tão eficaz, pelo vínculo sistemático com as comunidades, geralmente com nível de vida baixo, que é propósito da Fundação aumentar para 30 universitários por mês o trabalho de cada campus retornando-se, na pior das hipóteses, ao nível anterior de 20 universitários.

---

**NÃO ENCAMPA  
MODISMO, NEM OFERECE  
SOLUÇÕES MÁGICAS**

---

Na realização do subprograma de Seminários de Estudos Integrados fica patenteada a preocupação em assegurar aos universitários os canais de par-

ticipação requerida pelos círculos estudantis. Nesse anseio de participação, talvez se encontre o leit motiv da inquietação da juventude brasileira. E o propósito do Rondon é canalizar essa participação para rumos, idéias, aspirações, projetos e, porque não? até sonhos mais ousados do universitário brasileiro em relação ao país.

A idéia dos seminários talvez não possua a força da novidade intelectual, particularmente atrativa para alguns segmentos da população universitária. Não encampa modismos, nem oferece soluções mágicas. Fundamenta-se na realidade brasileira, vê-la e analisá-la dentro daquilo que chamaria de ideário nacional, cujos postulados se originam dos nossos mais caros valores políticos, sociais, econômicos e éticos.

Mas a resposta tem sido positiva, o que ajuda a demonstrar o quanto de favorável podemos retirar da inquietação estudantil. Temas os mais abrangentes, e de inegável valor para a formação profissional do universitário, são debatidos e examinados nesses seminários, tais como recursos energéticos, energia solar, cinema brasileiro,

meio ambiente, ecologia e a preservação dos recursos naturais, urbanismo e urbanização.

É preciso desenvolver no estudante um senso crítico apurado; fazê-lo ver que o Brasil urbano, dos grandes centros, não se aproxima da longínqua Amazônia, do árido Nordeste. E, como desdobramento lógico dessa percepção direta, ampliar seus horizontes de análise e de capacidade de lutar para modificar tal situação.

Essa filosofia aberta é uma das características marcantes do Projeto. Não temos posições político-partidárias. O nosso Partido é o Brasil, e o eleitorado, o seu povo. Cremos que somente assim, nessa comunhão de militares, trabalhadores, empresários, estudantes, poderemos e saberemos dar uma configuração prática, efetiva a essa comunhão.

---

**O BRASIL  
NÃO FECHA PARA FÉRIAS**

---

Parece evidente que a mi-

**projeto rondon  
varig/cruzeiro = integração**

**VARIG**  **CRUZEIRO**

## Há 20 anos, a Sobloco projeta, constrói e vende conforto em São Paulo.

*Qual o valor predominante que deve orientar a construção de um edifício para escritório ou um conjunto industrial? Ou um edifício de apartamentos? Ou um ginásio esportivo? Conforto é a resposta certa para a Sobloco Construtora S.A.*

*A teoria do conforto foi esposada pela Sobloco há 20 anos, quando a preocupação maior era com a quantidade de construções necessárias para atender à "explosão urbana" de São Paulo.*

*Desde logo, a Sobloco conscientizou-se que tão importante quanto a quantidade era a qualidade das suas construções e seus projetos urbanísticos. Ou melhor, do conforto a ser proporcionado a moradores ou usuários. Assim, a qualidade constituiu-se, desde o início, no fator número um da filosofia de trabalho da empresa.*

*Qualidade na atualização da tecnologia. Qualidade na infra-estrutura operacional. Qualidade no planejamento. E qualidade na construção. Ao comemorar os 20 anos, a Sobloco orgulha-se de seu volumoso e diversificado acervo de obras no campo da engenharia civil, mas orgulha-se muito mais de haver colocado a qualidade do produto - e o conforto por ela assegurado - acima do sucesso empresarial. E este, afinal, veio, como justa consequência, premiar seu persistente esforço e dedicação a uma diretriz maior. Hoje, a Sobloco situa-se entre as primeiras empresas construtoras de São Paulo e do Brasil.*



**SOBLOCO**  
CONSTRUTORA S.A.

séria, a fome, a dor e, mais que tudo, a desesperança não agradam a ninguém. Acrescente a esse quadro a dose normalmente grande de idealismo da juventude, e você terá uma nação razoável da visão que muitos deles adquirem. Mas, acredito que são poucos os que absorvem e interpretam o contato com a realidade de maneira negativista, pessimista.

As informações que recebo diretamente dos participantes, as cartas que enviam à presidência do Rondon, a sua atuação em áreas sociais críticas evidenciam um elevado sentido de engajamento em tudo o que se fizer para atenuar ou superar as dificuldades encontradas.

O Projeto Rondon é aberto a qualquer universitário interessado, sem seleção prévia no que se refere às suas posições ideológicas. Apesar dessa liberalidade, não se registrou um só caso disciplinar de caráter contestatório, durante a minha gestão.

O Brasil não fecha para férias. Com essa preocupação ante uma possível ociosidade de mão-de-obra tão rara, o Rondon se manteve em operações o ano inteiro, através de projetos de rápida duração; mas com grande influência sobre a vida de milhares de brasileiros. Assim, por exemplo, já realizamos o cadastramento dos folguedos, danças e artesanato do folclore capixaba; pesquisa e promoção humana de detentos; campanha de promoção humana do excepcional.

O Projeto Rondon constitui uma atividade-meio, e não uma atividade-fim. Não cabe, e nem caberá a nós resolver os problemas que infelizmente encontramos Brasil a fora. Todavia, representa um dever de cada brasileiro trabalhar com senso comunitário, movido pela responsabilidade social que é

inerente ao cidadão.

No caso dos estudantes, lembro que essa responsabilidade fica acrescida do aperfeiçoamento profissional, visando o futuro bom desempenho do seu ofício. Testemunhos a respeito são esclarecedores: mais de 90% dos universitários que já participaram do Rondon revelaram a importância do Projeto, em graus variáveis, na sua formação profissional.

Honestamente, se decepções existem, são de molde a impedir a unanimidade, que não almejamos, nem buscamos. Elas representam um residual que somente revela a natural diversidade de opiniões em contingentes tão elevados, como os de universitários mobilizados a cada ano. Há queixas, sem dúvida, mas originadas, a maioria das vezes por um excesso de expectativa quanto ao papel do Projeto.

Um deles escreveu-me pleiteando uma turma maior de estudantes de Agronomia para uma determinada região. Ora, as vagas são limitadas na relação direta dos recursos financeiros. Para ter-se uma idéia: na Operação Nacional de 1978, inscreveram-se cerca de 25 mil universitários e haviam apenas 5.100 vagas para os estudantes.

Maior número de estudantes, por sua vez, exigiria um número proporcional de técnicos (treinadores, monitores, etc), o que acarretaria novos gastos com contratação de pessoal. Se não cuidarmos, a máquina burocrática nos engole a todos...

Há um dado essencial na existência do Rondon: a participação voluntária, espontânea, projeção da consciência de cada estudante. O voluntarismo começa na presidência da Fundação, cujo titular, ao tomar posse, renunciou a qualquer remuneração durante os anos estipulados para o seu mandato."



# No exemplo de Irecê, a força do rondonismo

Em meio ao polígono das secas, está localizada a micro-região de Irecê, sendo constituída de 13 municípios: Barra do Mendes, Carfanaun, Cararana, Gentio do Ouro, Ibipeba, Irecê, Jussara, Morro do Chapéu, Presidente Dutra, Souto Soares e Uibaí. Abrangendo uma área de 21.963 Km<sup>2</sup>, corresponde a 3,9% do território baiano. A população de 220 mil habitantes equivale a 2,9% da população baiana.

A vegetação é tipicamente nordestina, marcada pela vegetação seca e retorcida da caatinga.

Solos residuais neutros de grande fertilidade, em razão da presença de grandes contingentes de óxido de cálcio, modificam o gosto e a propriedade da água.

O clima é estépico, semi-árido, quente, com regime de chuvas muito irregular, apresentando maior precipitação no período de outubro a abril.

O relevo é pouco acidentado, favorecendo o desenvolvimento de culturas agrícolas.

É considerada Irecê a capital da micro-região composta por 13 cidades. Irecê resente-se de problemas iguais a todas as áreas subdesenvolvidas: baixa

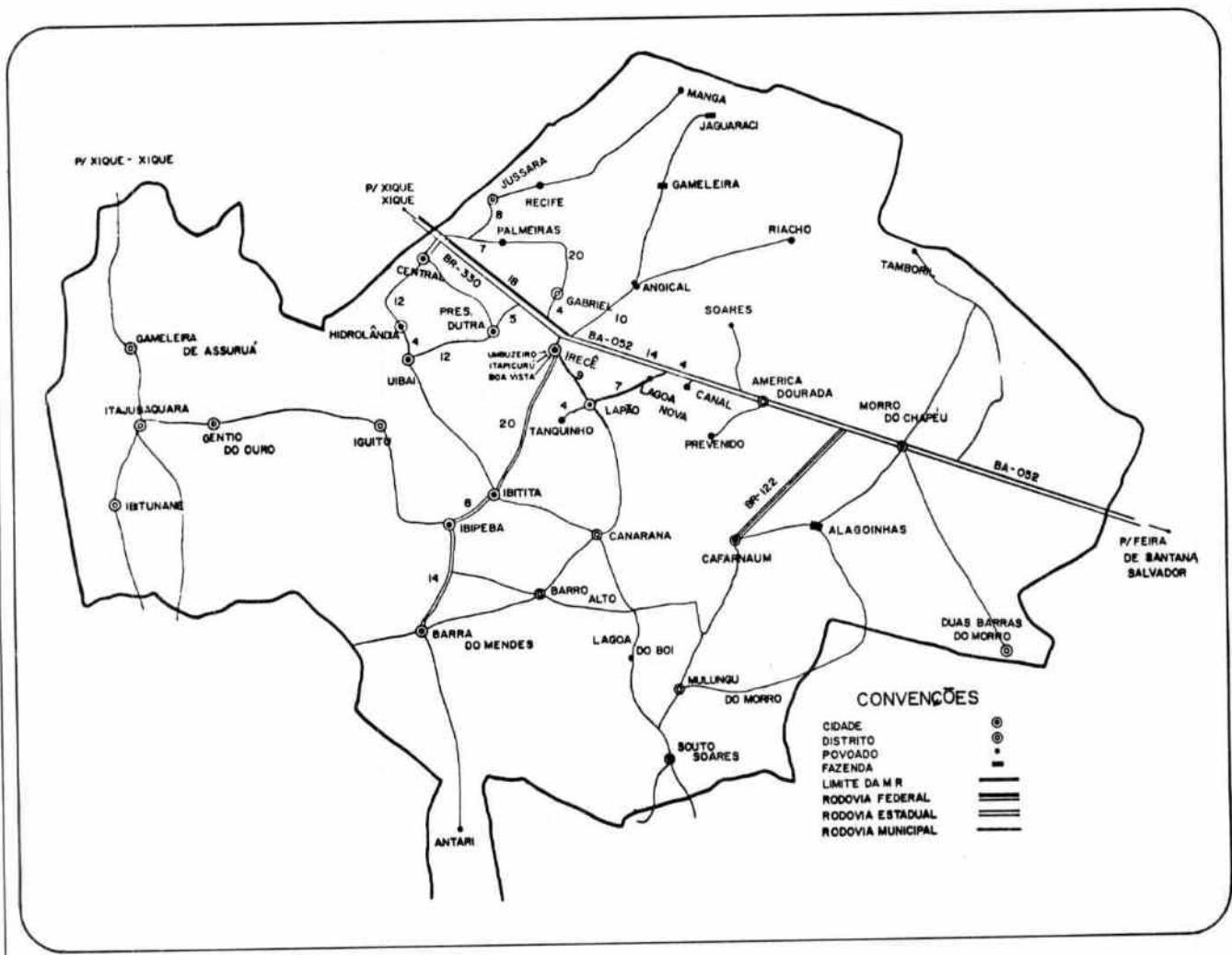
renda per capita, alto índice de analfabetismo, padrão deficiente de nutrição, elevada taxa de mortalidade infantil, precárias condições sanitárias e carência de capital básico social.

Todavia, considerando-se o dinamismo e as notáveis possibilidades de sua agricultura, a micro-região, mediante uma ação eficaz que elimine gradualmente os problemas mencionados, terá condições de consolidar sua posição de abastecedora dos grandes centros urbanos da Bahia e do nordeste, conquistando meios para competir no mercado nacional.

Sua grande vocação para a agricultura é ressaltada pelo alto nível de capitalização, atestado pela existência de 800 tratores responsáveis pela produção de 30% do feijão de todo estado da Bahia, seguida pelo milho, mamona, arroz e fumo.

A indústria, como outra atividade econômica da micro-região, é mensurável pelos 25 estabelecimentos, sendo 15 de produtos alimentícios, um de mobiliário e um de produtos de couro.

**Comércio** — Há 300 estabelecimentos varejistas e cerca de 10 atacadistas. A cidade conta ainda com 20 pensões e dois



supermercados. A multiplicidade de ramos de negócio, centralizados num mesmo estabelecimento, é uma das características marcantes. O movimento comercial desenvolve-se em função das atividades agrícolas, apresentando um rápido crescimento de janeiro a março, estabilizando-se até junho, para decrescer, lentamente, até dezembro.

A feira livre de Irecê desempenha papel importante no comércio, sendo a mais importante da região.

Há três agências bancárias: Banco do Brasil, do Nordeste e Bradesco.

Há um hospital, um posto de saúde, um consultório oftalmológico, um consultório pediátrico, oito clínicas particulares e seis farmácias.

**Educação** — O índice de analfabetos é grande; em 1976 atin-

giu cerca de 40% da população, na sua maioria composta de residentes da zona rural, onde a infra-estrutura social é bastante deficiente.

No município de Irecê existem 129 escolas municipais beneficiando um total de 7.400 alunos. Dos 229 professores, 79 são leigos, para o ensino primário.

Existem, ainda, 21 escolas primárias, estaduais, com 2573 alunos e 88 professores formados.

O ensino médio consiste em quatro ginásios, contando com cerca de 1.000 alunos. Em abril de 1972 foi inaugurada a escola polivalente de 1º grau com capacidade para 1.000 alunos. Esta escola habilita seus alunos em técnicas agrícolas, técnicas comerciais e economia doméstica. Irecê conta, ainda, com a escola agrícola, de ensino médio.

### O Projeto Rondon em Irecê

— O Grupo de Trabalho Universitário — GTU — é o órgão que coordena as atividades que se desenvolvem no campus avançado de Irecê. Cabe-lhe elaborar os projetos e os planos de atividades, recrutar e treinar os estagiários.

E constituído pelos coordenadores de área (professores representantes das unidades escolares da Universidade Mackenzie e das Faculdades/Convênio), que são auxiliados por alunos/monitores, além do coordenador do GTU, do técnico de operações e do assistente financeiro.

As unidades da Universidade Mackenzie são: arquitetura, ciências (biologia, matemática, química); comunicações e artes; direito; economia; adminis-

tração e contábeis; educação (pedagogia e letras); engenharia (civil e industrial).

Os professores coordenadores divulgam, em suas respectivas escolas, os objetivos e finalidades do Projeto Rondon e dos trabalhos desenvolvidos; elaboram projetos e planos de atividades; recrutam e treinam os estagiários.

O treinamento proporcionado pelos coordenadores, que é o específico, é realizado de acordo com os projetos em execução, em Irecê e região. Os estagiários levam um Plano de Atividades (planilha), contendo, minuciosamente, os trabalhos a desenvolver. Esclarecem, também, quanto às características dos locais em que se desenvolverão, procurando oferecer o maior número de detalhes da "realidade" da área de atuação.

Além do treinamento espe-

cífico, há o treinamento básico-fundamental, proporcionado pelo GTU, objetivando a integração dos componentes das equipes, a transmissão dos princípios, filosofia e objetivos do Projeto Rondon, o choque cultural, abordagem e ação comunitárias, projetos e atividades integradas, extensão universitária e perspectivas da realidade da micro-região de Irecê. Mensalmente, há uma reunião do GTU quando são discutidos todos os assuntos pertinentes.

Anualmente há um encontro de coordenadores, em Irecê, visando oferecer-lhes a oportunidade de atualizarem-se em relação aos problemas regionais, visitando os locais onde as equipes atuam; reunindo-se com as autoridades e a liderança, formal e informal; com os representantes dos órgãos e instituições, governamentais e

particulares, procurando saber quais os planos para a região. Após as visitas e reuniões, os coordenadores reúnem-se, analisam e avaliam os resultados do encontro e elaboram o planejamento e os projetos para o ano imediato. Geralmente, comparece um representante da Fundação Projeto Rondon que, além de prestigiar o encontro, colabora em todas as atividades.

Todo o planejamento considera os currículos e conteúdos programáticos das respectivas unidades escolares, tendo em vista que um dos objetivos é o estágio profissionalizante, bem como aspectos interdisciplinares e multiprofissionalizantes, necessários à integração dos componentes das equipes.

**Nasce o campus de Irecê** — Com a presença do ministro do

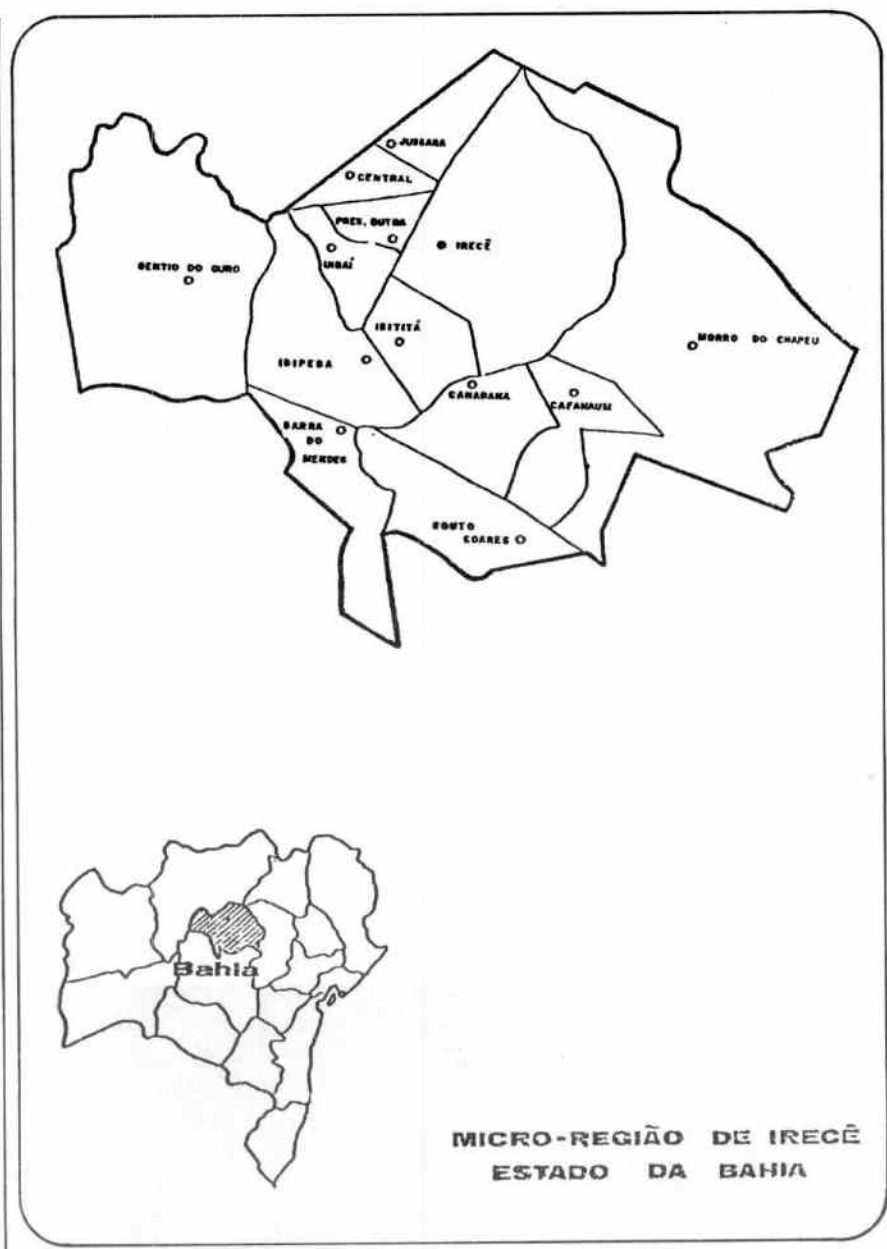
## Folhetos, Catálogos Técnicos, Livros, Jornais e Revistas.

Impressão em off set:  
 preto e branco e cores.



**LUCIDA Artes Gráficas Ltda.**

*Rua dr. Pennaforte Mendes, 93 CEP 01308 – Fone: 256-4395 — São Paulo — Capital.*



MICRO-REGIÃO DE IRECÊ  
ESTADO DA BAHIA

Interior, do governador do Estado, do coordenador geral do Projeto Rondon, do prefeito municipal, do reitor da Universidade Mackenzie, e outras autoridades, a 21 de setembro de 1972, em Irecê, foi assinado o convênio entre o Projeto Rondon e a Universidade Mackenzie para a instalação do campus avançado.

Já estava presente a primeira equipe. O primeiro diretor, professor Ernesto Rosa Neto, esposa e três filhos, já residiam em Irecê. Moravam numa pensão. A SUDENE forneceu a verba para a construção da sede do campus.

Durante a construção, o diretor do campus desdobrava-se, dedicando seu tempo não só às obras, mas às atividades dos estagiários, inclusive quanto aos projetos e treinamento das equipes. Ainda visitava os povoados, descobrindo necessidades. O transporte restringia-se à perua rural, logo apelidada de "arabaca" e servia para tudo, principalmente para o transporte do material de construção.

As equipes, nessa fase, eram recrutadas e enviadas, destacando-se as áreas de educação, engenharia e arquitetura.

A sede do campus possui dois prédios-dormitórios, com oito

apartamentos, com capacidade para trinta e seis pessoas; um prédio onde estão o refeitório, copa-cozinha, despensa, depósito, sala de direção, sala-biblioteca e sala de estudos. Sem luxo, porém com o essencial e necessário para hospedar os estagiários. Daí saem, diariamente, para as atividades em municípios, distritos e povoados. As atividades resultam dos projetos e dos planos previamente elaborados. Cada estagiário leva, para o campus, o seu "Plano de Atividades" e todo o seu trabalho desenvolve-se obedecendo o previamente estabelecido. Os imprevistos são estudados com a direção.

Há grande dificuldade nos transportes, não só devido ao desgaste dos veículos, como pelo consumo de combustível. Apesar dos imprevistos, as equipes deslocam-se para os atendimentos, conforme os "Planos de Atividades".

O desempenho, a hora da verdade, está no espírito e dedicação dos estagiários que se desprendem, durante um período de suas vidas, e se entregavam, espontaneamente, às comunidades carentes da micro-região. A experiência é positiva. Com raríssimas exceções, os jovens que se deslocam vão imbuídos de responsabilidade, cientes de que farão estágio profissionalizante e que a atividade é programada de acordo com o currículo, devendo trazer a experiência para retroalimentar a programação escolar; mas seguem, principalmente, conscientes de que sua missão é prestar serviços e certos de que estão participando da integração do país, do desenvolvimento nacional e da valorização do homem.

E o moço, sem surpreender, mas muitas vezes surpreso, enfrenta a realidade, alguns com sacrifício, sempre com disposição e prontos para o trabalho. O que a mocidade realiza, desde que se lhe dê oportunidade, é algo que emociona.

## Depoimentos

“O distrito de Urtigas fica a pouco mais de 104 quilômetros da Lapa no sertão baiano”, diz Dulcinéia Freire, estudante de educação física. “Chegamos à noite, em plena festa que eles chamam de reza, que nesta noite era em homenagem a Nossa Senhora do Parto. Como homenagem recebemos uma exibição de Chula, que consiste numa roda de cantoria, cuja presença tem a predominância da mulher. Da roda feita, destaca-se um elemento para tirar versos, os outros vão respondendo, são todos repentistas. A cantoria fica a noite inteira, com todos os componentes da Chula usando roupa típica, bem colorida. Tem-se a impressão que se está em outra terra que não seja o Brasil, na África, por exemplo. O povo é negro, mas um negro diferente, de pele fina e nariz afilado, um tipo lindíssimo. São tipos bonitos, de andar quase majestoso, apesar da imensa pobreza. E que resistência! Mulheres de 60 e 70 anos dançando a noite inteira para, no outro dia bem cedo, já estar cuidando da vida da família”.

Professor formado em Pedagogia e Educação Física, Wilson César Nascimento, esteve duas vezes no Amazonas. Permaneceu algum tempo na cidade de Itaquatiara, considerada a segunda mais importante do Estado.

“A experiência foi muito válida. Vencer todas as dificuldades, em curto espaço de tempo, requer dedicação. A cultura extrativa que prevalece na região é a juta. É uma das atividades humanas mais dolorosas e menos compensadoras. O rio Amazonas, nessa fase, está enchendo. É a época da cultura da juta. Os muitos trabalhadores cortam as varas de juta e as deixam em feixes apodrecendo dentro da água para facilitar a retirada das embiras. Os feixes são deixados de molho durante uns três meses. Depois, os trabalhadores voltam para bater as varinhas e retirar a fibra da juta (a embira) que é vendida em estado bruto. A verdade é que a vida do caboclo amazonense é muito difícil e só com a extração da juta dificilmente vai melhorar, pois como em quase todos os ramos comerciais, quem fica com a “parte do leão” é o intermediário. O produtor quase nada ganha por aquele verdadeiro trabalho escravo dentro da água, sujeito a toda espécie de doenças. E para um povo que vive o ano inteiro dentro da água,

morando nas piores condições possíveis, como é que se vai pregar higiene? Seria uma incoerência aconselhar o pobre caboclo a andar calçado, não fazer cocô no mato. As crianças já desde os cinco anos, vão remar as canoas para ajudar os pais. Pregador o que nesta região? Toda a família vai para a juta. Em casa só ficam os pequenos corumins e uma menina para tomar conta e fazer a comida para a família.

Hoje posso dizer que só quem esteve no Amazonas pode avaliar as dificuldades vividas pelo nosso caboclo. E o caboclo é um homem bom, trabalhador, humilde, acolhedor.”

A equipe comandada pelo quintanista de medicina Alexandre Tanure, do Espírito Santo, foi transportada para a Amazônia. Eis o relato do estudante.

“Lá tivemos a cobertura do Exército e de uma rede de radiomadores. Ficamos hospedados por conta das prefeituras locais.

Julgando-nos membros do SNI — em algumas regiões os universitários chegam mesmo a ser tomados como “a polícia Rondon” — prefeitos e algumas outras autoridades do interior amazônico não nos ofereceram todo o apoio que era lícito esperar. Eles têm medo do Projeto Rondon, tendo como base os relatórios que somos obrigados a fazer de cada região. Julgam que esses relatórios são feitos especialmente para o SNI, embora explicássemos que os relatórios são enviados pela coordenação do Projeto ao Ministério do Interior.

O Amazonas é uma terra completamente diferente, cheia de lendas, de fatos estranhos e de animais não menos estranhos. Na região há um bichinho chamado candiru que não pode ver buraco que vai entrando. Ele é minúsculo e até na uretra pode entrar. E tem forma de guarda-chuva: entra fechado e sai aberto. Para os banhos nos rios, usávamos calções bem apertados nas pernas para evitar a entrada do candiru.

A população beira-rio, mais do que no médico, confia antes no curandeiro. Primeiro eles chamam o curandeiro, para depois solicitar a presença de um rondoniano, principalmente para casos de loucura. Constatamos que todo o serviço médico da zona visitada é feito por um enfermeiro-medicador. Há curandeiros que se dedicam até à leitura de obras médicas e conhecemos um que entende mesmo de medicina, tendo em casa ver-

## Depoimentos

dadeira biblioteca especializada, principalmente sobre doenças tropicais.

Em Itapiranga, a poligamia é coisa séria que desfruta da complacência do delegado de polícia local. Logo que chegamos à cidade, fomos convidados para um casamento. Entretanto, quando tudo estava pronto, a mãe da noiva descobriu que o sujeito já era casado uma porção de vezes, fato, aliás, muito comum na região. Não conformado com a descoberta, o pai da noiva bateu em sua mulher, para que concordasse com o casamento, pois o noivo era um bom partido: possuía um barco que valia 13 mil cruzeiros, uma venda à beira-rio com um estoque de mil cruzeiros. Contrariada, às custas de pancadas, a mãe acabou cedendo. E o casamento foi realizado com muita festa, muita cachaça e carne.

Em Altazes, por exemplo, a poligamia não chega sequer a ser problema social. Lá, um homem tem duas ou três mulheres e, às vezes, todas elas moram juntas numa verdadeira coexistência pacífica”.

Riacho de Santana, no vale do São Francisco, no sertão baiano, abriga uma família que descende de Castro Alves. Ela guarda com muito carinho uma espada que o poeta recebeu de Dom Pedro e a miniatura de uma outra, relíquia oferecida por Duque de Caxias. Dois jovens da tradicional família participaram da equipe comandada pela estudante de medicina Adalzira Ferreira que diz:

“A despeito de contar com dois médicos, Riacho de Santana tem uma população anêmica e a sua grande maioria sofre de epilepsia. Eu atendia comumente a dois, três casos de epilepsia por dia. Não sei se a doença é advinda do grande mal que as “curiosas” exercem ou se aos casamentos consanguíneos, muito comuns em toda a região. Constatamos também um grande número de deficiências oculares e uma incidência impressionante de surdos-mudos. Honestamente não sei se o Projeto Rondon deixou alguma coisa ali plantada. O povo é muito parado. Um dos maiores males da região é a falta de cálcio na alimentação básica da população, tendo reflexos negativos na dentição e na vida adulta das meninas-moças. A equipe, inclusive, realizou uma gincana para encontrar uma criança com dentição perfeita. A cruzada foi difícil, mas foram conseguidas três crianças, de uma população infantil imensa, com a

dentição perfeita. Não são raros os casos de se encontrar moças com 18 anos que nunca ficaram menstruadas.

A zona tem leite em abundância, vendido a cinquenta centavos o litro. Não compreendi porque com tanto leite a população tenha carência de vitaminas e cálcio.”

Ernesto Rosa Neto, professor de matemática, foi, em 1972, o responsável pela implantação do campus avançado de Irecê, na região central da Bahia. Escreveu inúmeras crônicas relatando a experiência rondonista. Abaixo, uma de suas crônicas.

“Logo que chegamos ao campus iniciamos o reconhecimento da região.

Naquele dia saímos pela cidade.

Um rapaz passa rolando um barril. Seu trabalho é vender água que recolhe na cacimba pública, utilizando uma lata amarrada numa corda. Atira a vasilha na água e puxa a corda, trazendo um pouco do precioso e raro líquido, que é despejado no tonel.

Depois o aguadeiro vai pelas ruas puxando o barril por meio de uma corda que passa pela cintura.

Corremos à cacimba. É um buraco aberto no meio da rua, com uma proteção de um muro de meio metro de altura onde todos se debruçam para atirar latas. Fizemos a análise da água suja e turva. Não é potável. Na realidade é imunda. Pode-se ver no fundo do poço, que é raso, o lixo acumulado. Para completar a descrição, a água é calcárea. Mesmo fervida e filtrada, possui aquele gosto característico. Algumas casas possuem água encanada com fornecimento de algumas horas por dia.

Um dos aguadeiros é um velho surdo-mudo conhecido de todos, que apareceu por lá, ninguém sabe de onde é, ninguém conhece o nome. Sempre bêbado, já caiu na cacimba quando se debruçava no muro,

Visitamos uma química dona Rosa. Ela nos informou que o exame de verminose de uma amostra da população, feito em um ano, deu uma porcentagem de mais de 100 por cento de doenças por exame. Cada pessoa possui mais de um tipo de verme, isso sem contar outras doenças. A situação é calamitosa.

No domingo fomos à feira, elas existem em todas as cidade da região. Compramos alguns

## Depoimentos

produtos típicos de madeira, couro, cerâmica, rendas e livrinhos de literatura de cordel.

Ali, qualquer pessoa pode vender o que tiver. Um homem criou uma galinha ou possui uma dúzia de ovos, colheu alguma fruta ou matou um porco, corre à feira e vende em banca própria ou de algum conhecido ou mesmo pelo chão. Expõem sua mercadoria sem o menor controle. Todos apalpm, discutem o preço e salivam em cima. Alguns pedintes expõem suas feridas.

O enxame de moscas por sobre toda a cidade é infernal, mas ao redor das bancas a concentração é maior.

No dia de feira a cidade se movimenta. A redondeza toda vem vender e comprar. Os alto falantes, músicas, propaganda e vozes formam um grande borburinho que os jegues observam curiosos do estacionamento lotado.

Na própria feira são servidas refeições em bancas que servem pratos feitos. Os talheres e vasilhas são lavados sempre na mesma água, um caldo negro, numa bacia. Foram os aguadeiros que fizeram o fornecimento.

Os médicos e algumas pessoas da comunidade lutam para acabar com as feiras. Aqui, o interesse é grande e complexo... Parece que na sede do município de Irecê já se conseguiu a extinção.

Neste dia de feira o movimento na zona do baixo meretrício — "o brega" — é mais intenso. As "lias" têm que faturar por toda a semana e o câmbio é baixo.

Não se sabe quem está transmitindo doenças para quem. A higiene com água dos aguadeiros é impossível.

Surtos epidêmicos correm com facilidade nestes meios.

A prostituição começa cedo. Encontramos algumas com doze anos de idade.

Isto tudo é um absurdo.

Observamos que não há esgostos na cidade e vilas e nem fossas na maioria das casas. Há muita sujeira jogada nas ruas e nos terrenos. As necessidades são satisfeitas na rua ou nos terrenos ou em latas dentro dos casabres que depois são despejadas em qualquer lugar. A chuva leva o que as galinhas e porcos não comeram e forma uma lagoa mais abaixo. Ali, as crianças nadam, as mulheres lavam roupas e chegam a aproveitar para outros usos.

Fizemos o levantamento de uma parte não central da cidade de Irecê durante seis meses. Em

cada casa assaltava-nos o temor de atravessar a porta baixa. Dois ou três quartos, uma sala, cozinha com fogão de pedras no chão e um ou dois quartos. Tudo pequeno, sem móveis. Paredes de adobo ou taipa, chão de terra batida, sem forro e sem instalação sanitária. Muitos filhos, muitas mortes. Se possuem emprego, o salário é quase igual à metade do salário mínimo.

Nós, as pessoas boas, cristãos ou não, religiosos ou ateus materialistas ou idealistas, humanistas ou egoístas, temos uma estranha característica, precisamos de nos condoer, mas com cinco minutos de meditação e piedade, damos por cumprida a tarefa e achamo-nos ótimas pessoas, de bons princípios. Alguns vão mais longe, talvez por caminho errado, dão uma esmola... Pronto, consciência limpa.

Alguns percebem, mas... são desonestos. Outros não percebem, são débeis mentais. Outros...".

---

Maria Cristina Rosa é mãe de três filhos, participou do Projeto Rondon em 1972 que considerou uma experiência fundamental em sua vida; abaixo, o seu relato:

"Em 1972 surgiu a oportunidade de fazermos parte do Projeto Rondon. Iríamos instalar um campus avançado em Irecê, na Bahia. Fomos, Ernesto então meu marido, Rodrigo, Guilherme e Arthur meus filhos com 4, 5, 7 anos respectivamente.

Saimos de São Paulo, pernoitamos no Rio e seguimos para Irecê. O que nos esperava, não sabíamos.

A primeira surpresa foi saber que não teríamos a casa que a SUVALE havia nos cedido. Depois de muita luta, conseguimos ficar por dois meses na referida casa, mas antes a casa seria ocupada pela comitiva de inauguração, então ficamos por 4 ou 5 dias numa casa sem nenhuma instalação sanitária, ficando o banheiro lá fora. Berco não havia, assim improvisamos um, enconstando duas cadeiras.

Fomos vacinados contra tifo e Ernesto e eu iniciamos o nosso trabalho. Ele como diretor e eu como diretora adjunta.

A primeira coisa a ser feita era a casa do diretor, alojamento para estudantes, refeitórios. Recebíamos plantas de São Paulo, adaptávamos e iammos conseguindo levantar as paredes.

Aí surgiu um problema: nosso dinheiro acabou e começamos a comprar a crédito por uns tempos. Até que isso também foi ficando difícil; fomos

## Depoimentos

a Canarane, município próximo, onde havia a possibilidade de nos contatarmos com São Paulo. Lá seriam 40 dias de angústia e preocupação. Mas, aí aconteceu uma demonstração de calor humano tão comum entre esse povo. Recebemos a visita de um senhor:

— Sou o dr. Sombra, médico, sei dos apuros que vocês estão passando; assim ofereço meus préstimos.

Que alívio alguém com esse nome se colocar à nossa disposição.

Os primeiros estudantes também passaram por apuros e dos grandes. Suas acomodações eram precaríssimas, mas o espírito de colaboração era imenso e cada um dava o máximo de si em sua área. Há os que gostam de turismo...

O povo todo, em todas as camadas, nos abriu suas portas. Assim, vimos que muitos vivem em condições sub-humanas e aí reside um papel importante: colocar cada brasileiro de frente com a nossa realidade.

Nossas atividades eram diversificadas, dávamos cursos, organizávamos exposições de artesanato. Ernesto começou a pensar numa associação comercial e assim se reunia com os comerciantes locais.

Aos poucos, iam fazendo parte da vida local.

Uma das coisas que me lembro é do recital que preparamos. O Enzo cantaria "Granada" e Ernesto tocava flauta e teria um número de violão com os senhores da gameleira, um lugarejo próximo, ensaiado por dona Querubina, esposa do pastor. Mas, em Irecê não havia um único piano. Assim, Querubina emprestou o dela. E ficou o piano que veio de longe.

Nem sempre eram festas. Certo dia, Guilherme levantou com um febrão, com glânglios espalhados no corpo todo, abatidíssimo. Com o dr. Sombra examinando, foi feito exame de sangue. Mas não era nada grave.

Cumprimos algumas rotinas, como servir um leite com pão para os operários do campus e, à tardinha, quando Ernesto pegava a "picap", sempre havia alguém que dizia: "lá vai o dr. Rondon", era assim que conheciam o Ernesto."

A fotógrafa Maria Regina Cardoso participou, como estudante de Comunicações, de uma Operação Rondon no centro sul de Goiás. Leia o que isso significou para ela.

"Se o Projeto Rondon foi criado para que os estudantes pudessem conhecer e participar das comunidades, da nossa realidade brasileira, ele cumpre o seu objetivo.

Para o estudante que se engaja no Projeto, sobra uma experiência notável — pelo menos para mim e meus colegas de grupo do Projeto Rondon IX, realizado em janeiro de 1973. Principalmente para aqueles que, como nós, só conhecíamos as neuroses e maravilhas das grandes capitais.

Ir para uma cidadezinha onde não há água encanada, nem luz elétrica — ou se há, é em estado muito precário — é chocante. O primeiro contato com a realidade é violento. Você sabe que existe, sabe como é, mas nunca viveu isso e vivenciar é diferente. Por menos tempo que o estudante permaneça na localidade da Operação, ele se integra naquela realidade, para ele tão inacreditável. Por mais desinteressado que ele seja, acabará por aproveitar a sua estadia, dando algo de si para a comunidade que visita e absorvendo um pouco dela.

Para as populações das cidades visitadas o que mais importa é o aspecto assistencialista do Projeto Rondon.

Afora o serviço específico que cada um de nós tinha que realizar individualmente, o grupo era muito unido. E era um grupo bem heterogêneo e que se encontrou pela primeira vez um dia antes da viagem. O grupo se integrava entre si e com a comunidade.

Realizamos o programa em 45 dias, enfrentando a fase de adaptação que, afinal, não foi difícil, mas que foi muito sentida.

Viajamos muito pelas cidades da região. E quanto mais se viajava, mais se aprendia. Trabalhamos muito, mas não deixamos de curtir também. Não houve casa — pobre ou rica — que não tivesse aberto suas portas para uma festa em homenagem ao grupo do Rondon.

Mas eu vejo uma falha no Projeto Rondon que é, exatamente, a não continuidade dos trabalhos. Depois que um grupo vai embora, a cidade pára, se acomoda e fica aguardando o próximo grupo. Há proveito para estudantes e comunidade, mas o estudante leva vantagem porque ele sente que pode fazer alguma coisa, que pode ser útil."



Nice Mecking

# O Brasil visto por rondonianos gaúchos

Não há muita exigência sobre o local de encontro. Pode ser inclusive no bar mais próximo. O espírito jovem e dinâmico é constante nestes grupos. A alegria é contagiante. Quase irreverente. Quem os vê sem ouvi-los, deduzirá que se trata de uma reunião sem outro objetivo que o de através de alguns "chops" enganar o tempo. Entretanto, a realidade é bem diversa. Há profundidade no conteúdo dos assuntos que impreterivelmente abrange uma extensão que vai do Oiapoque ao Chui; do Cabo Branco à Serra de Contamana. Entre um copo e outro, as experiências começam a ser percorridas. O "Gigante", para muitos desconhecido, torna-se intimamente familiar, através do dia a dia vivido por estes jovens, nas mais diversas regiões. Para muitos a "carne de sol" não é apenas um alimento de subsistência do nordestino, como os livros ensinam. Este também foi seu prato durante quase um mês. Quando ele viveu e sentiu não como simples espectador, mas como peça de uma engrenagem que procura dar de si

antes de pensar em si. Todos eles já arregaçaram as mangas, lançando-se às mais diversas e complexas tarefas, sabendo antecipadamente que jamais receberiam qualquer remuneração. Mas ela surgindo inesperadamente junto com a estafa que todos carregavam de volta em suas bagagens: a sensação de terem crescido em todas as direções.

## AMOR ATÉ 200 MILHAS

Antes da primeira atuação do PR, todo o universitário é um idealista. Segundo ele muita coisa está errada. Precisa ser mudada. É a fase estática. Após a primeira participação, sua visão torna-se mais ampla. Novos horizontes se descobrem. Então ele deixa de olhar o Brasil de forma apenas romântica, porque descobriu que pode ter parte atuando nas modificações que sempre preconizou. Os problemas sociais, econômicos, educacionais, etc., começam a tomar vulto à luz da realidade. Começa a se preocupar, quer estar por

dentro de toda a problemática nacional, pois pretende fazer um trabalho mais perfeito junto à próxima comunidade que ele nem sabe onde se situará.

Então ele se pergunta: Por que tanta preocupação com esta gente que nada lhe pode dar em troca? Por que tanto carinho no atendimento à velhinha doente e à criança suja e maltrapilha? A resposta está no seu interior. Desde a velhinha até a criança há muita gente para a qual ele pode ser útil, dentro do seu próprio chão.

Esta é a fase mais linda do rondonista. Pode ser comparada ao entusiasmo terno com que ele descreve a beleza do encontro entre o céu e o mar, no fim da tarde nas praias do Norte ou Nordeste, os primeiros raios de sol infiltrando-se na floresta Amazônica ou a paisagem do litoral baiano vista do alto do Monte Pascoal.

### COMO SEREMOS RECEBIDOS

Esta é a grande incógnita para todo rondonista em cada nova etapa.

Para Carlos Willi (Vet.) e Bernardete Martins (C.Dom.) que integraram a equipe que atuou no interior de Goiás (Peixe), a acolhida foi considerada boa. Após quatro dias de viagem, ao desembarcarem na pequena localidade (927 hab.), foram cercados por grande número de pessoas que os fitavam entre desconfiados e curiosos. Não tardou muito e uma voz sussurrada se fez ouvir: "são os dotô do Rondon". Há um ano havia passado uma equipe e as camisetas eram familiares. Diante disto, imediatamente veio a saudação de boas vindas. Um sorriso esquivo em cada face sofrida e muita correria de crianças. Os rondonistas entabularam conversação com sua nova comunidade e o "gelo" estava quebrado.

Faltava a última etapa, quando foi aberto o porta-malas e a bagagem colocada no chão, surgiu a exclamação: "Quantos trem eles trais!". Muitos quiseram transportar "o trem" para o local que serviria de alojamento. Tiveram que aceitar, porque, às vezes, a não aceitação por parte do rondonista pode gerar a desconfiança da pessoa.

E assim, acompanhados por verdadeira procissão, foram conduzidos ao local de hospedagem.

Segundo Carlos Willi e Bernardete, durante toda a atuação da equipe o relacionamento com a comunidade não sofreu alteração, inclusive quando algum elemento precisava recorrer a um bar, para fazer um lanche ou tomar refrigerante, o proprietário não queria aceitar o pagamento. Isso os deixava pouco à vontade, porque sabiam que aquele pequeno proprietário não tinha maiores condições. Então decidiram que, esporadicamente, aceitariam para que não houvesse motivos para mágoa.

Assim realizaram todo o trabalho, vendo sempre nas maneiras e gestos da comunidade, que eles eram considerados pessoas superiores.

Já no caso de Antônio Carlos Martins da Silva (Com. Social) e sua equipe, a comunidade era muito maior em Goiânia (28.000 hab.). Distanto uma hora de Pernambuco por estrada asfaltada, a cidade reflete toda a história colonial brasileira. Foi neste cenário que todos ouviram a mesma frase de diversos moradores locais: "Não adianta, vocês não vão conseguir nada aqui". Antonio Carlos fala do princípio de desânimo que começou a se fazer sentir. Entretanto, no momento que se conscientizaram do fato, partiram imediatamente para a reação. Assim, quatro dias após, estavam a par de toda a problemática local.

Sendo um centro açucareiro, a cidade sente-se limitada em sua expansão, pois as usinas estão dispostas ao redor da cidade. Seus proprietários têm uma vida à parte da comunidade; entretanto, foi o dono de um destes engenhos que atendeu a solicitação oficial dos rondonistas, tendo escriturado uma gleba de terra onde deverá ser construído o Matadouro Municipal. O local foi designado pelos universitários, que fizeram os estudos preliminares, evitando entre outros aspectos a possibilidade de poluição das águas do rio que passa próximo.

Para a equipe, este fato foi bastante significativo, diz muito bem da aceitação por parte da comunidade.

Já a chegada de Silvio Steinmez (Agro) simplesmente aconteceu. O primeiro contato com a comunidade foi no meio de uma escola de samba que desfilava na hora do desembarque e a qual eles se incorporaram. No final da rua, quando pararam, já estavam rodeados "no mais firme papo". Para Silvio, nunca foi tão fácil a integração numa comunidade.

Em Itaporanga, Augusto Dourado (Vet.) e seus colegas foram muito bem recebidos. Só que não fez jus à cidadania de paraibano, porque atendeu o apêlo de um motorista de ônibus, passando mais ao fundo do veículo e cedeu o banco para uma senhora idosa. Paraibano não atende apelos nem cede lugar.

Sendo região financeiramente privilegiada ninguém queria aceitar o fato de os rondonistas trabalharem muito. Pois lhes eram oferecidos constantemente "assustados" (reunião informal onde há música e caipirinha).

### O QUE OUVIMOS E VIMOS

Com a longa experiência de

quatro atuações, Berenice Bandeira recorda episódios do PRO-VII em Alagoas. Logo após a chegada, foi requisitada, pela Federação das Indústrias de Maceió, juntamente com alguns colegas de equipe, para participarem do levantamento sócio-econômico do Estado. O trabalho desenvolveu-se junto aos pescadores de mar e rio, feirantes e comerciantes.

O trato com os jangadeiros, o "arrastão", já lhe era familiar, uma das coisas mais belas que ela viu na região. Como o deslocamento era constante, ficou a par de todos os problemas da zona, constatando entre outras coisas que é uma realidade a exploração do pescador pelo receptor. O receptor estabelece o preço e o jangadeiro ou canoeiro tem de se submeter.

Outra coisa comum é o grande número de filhos que compõem uma família (entre 10 a 15). Apesar disso, o homem que se dedica à pesca, tão logo consiga algum dinheiro só volta a trabalhar quando a reserva estiver esgotada. O pai, normalmente, não sabe o nome e idade dos filhos. "Isso é coisa para a mulher".

Fala Berenice sobre um fato que a chocou muito. Em Palmeira dos Índios, interior, uma criança teve que ser levada às pressas ao hospital de Maceió pelos elementos da equipe. Considerada fora de perigo, recebeu alta. Trazida por um rondonista e colocada novamente nos braços da mãe, esta se expressou: "Se não morreu hoje, morre amanhã". Isso diz de perto a falta de amor à vida, sua e dos seus semelhantes, tanto na região norte como nordeste, podendo ser considerado como resultado das circunstâncias em que vivem. E muitas vezes ainda acrescentam: "E menos uma boca para comer".

Já para João Francisco Neves da Silva (Coordenador de área, em Pelotas desde abril de

1970), houve um fato que lhe ficou gravado na memória.

Em 1968, quando de sua primeira atuação no Território de Rondônia, então acadêmico, acreditava levar consigo o máximo em matéria de conhecimento sobre a terra e o povo. Até que, certo dia, quando proferia uma palestra aos habitantes de Vila Rondônia, "com toda a segurança que um rondonista deve ter", ressaltando como seria a Amazônia dos próximos anos, as riquezas da região, etc., humildemente um cidadão pede licença para formular uma pergunta. Surgiu então a frase que abalou o conceito que aquele acadêmico tinha a respeito do embrutecido homem do norte: "Dotô, si aqui tudo é tão bom praque o sinhô não muda prá cá?"

Em Itaporanga, Dourado constatou com surpresa o acentuado preconceito racial existente. Inclusive entre as crianças que não querem brincar de roda com meninas pretas. Este fato originou muitas palestras e os rondonistas procuravam atuar justamente junto à infância e juventude.

Fato corriqueiro que acontece a todo o rondonista da Região Sul (ressalte-se: os que conservam traços europeus e apresentam tez e olhos claros, estatura elevada), ao descer em qualquer área do norte ou nordeste, é que jamais deixa de ouvir a frase clássica: "Chegaram os americanos". E a correria se multiplica.

Maior ainda é a confusão quando eles descobrem que "os americanos" falam a mesma língua deles. Aí tem início a primeira lição de geometria, à medida que os moradores começam a se aproximar. A explicação inicial é quase a mesma. Não somos americanos. Somos brasileiros como vocês. O Brasil é muito grande. Moramos no Rio Grande do Sul, etc. Mas Rio Grande do Sul fica no Brasil?

## AGRURAS DE RONDONISTAS

Berenice, embora os maus momentos que já passou, afirma que ainda não desistiu do Rondon.

Certa vez, ainda em Alagoas, foi acometida de ameaça de insolação e teve de ser lavada às pressas para o Pronto Socorro. Na atuação de janeiro de 72 (PR-IX) ao chegar ao Rio teve a rótula deslocada. Teve que ser hospitalizada e, posteriormente, ainda com a perna enfaixada, seguiu para Campos (Est. Rio), sua área de atuação.

Em outra atuação no nordeste, as noites não eram "muito românticas", pois quando se recolhiam e a luz era apagada (vela), começa a revoada e serenata de morcegos sobre a cabeça. E que o quarto não possuía forro. Esses são alguns dos problemas que um rondonista, mais hoje, mais amanhã, terá que enfrentar. Entretanto, parece não assustá-lo, porque ele sempre quer retornar. Os que se deslocam à Amazônia, muitas vezes em plena selva, têm que acampar e improvisar refeições. Como hábito na região é a rede, eles só descansarão em uma cama quando regressarem de viagem. Além do mais, devem estar sempre prevenidos contra as doenças locais. Anteriormente, ele sabe que seja quais forem as condições de vida, terá que se integrar "de qualquer forma" na comunidade para onde foi enviado. Esse tipo de situação, por vezes desagradável, posteriormente é encarado esportivamente.

## A FAMÍLIA RONDONISTA

O Projeto Rondon é pioneiro. Não se tem conhecimento de outra organização similar. Embora muito jovem, está sendo objeto de curiosidade e estudo por parte de outros países.

Como atestado disso salientamos o fato da presença de uma equipe da Guiana Inglesa, na Região Amazônica, que ali estava para ver de perto o que é o Projeto Rondon.

Bem, sendo um projeto de brasileiros e feito por brasileiros, o sentimentalismo está sempre presente. Este sentimentalismo parece ser ainda mais acentuado quanto mais inacessível for a região. Pode ser na Região Norte, Centro-Oeste ou qualquer outro recanto onde o progresso ainda se apresenta em fase de sonho, porque com a convivência destes jovens de Estados tão diversos — com maneiras de agir, viver e até falar tão diferente — se descobrem e descobrem o que cada um representa no contexto de sua comunidade. Do dia a dia nasce a amizade, a confiança e o respeito. Com base nes-

tes três itens, a integração é sólida e quase sempre perdura através dos anos. Ninguém é melhor que ninguém, porque todos são brasileiros.

Naturalmente essa não é uma reação reservada ao sulista; ela atinge a todos os rondonistas. Foi também o caso de cariocas, pernambucanos, alagoanos, etc., que em janeiro vieram atuar no norte do nosso Estado (Área de Erechim), onde Neves serviu como assessor dos cariocas.

A primeira reclamação foi contra o frio local. O "chimarrão" era "uma coisa amarga e engraçada". Ao final da atuação "até que o friosinho era gostoso" e a roda do chimarrão muito maior. Tanto é verdade que, tendo aprendido a prepará-lo, todas as malas, ao regressarem, levaram uma cuia e uma bomba.

Para os cariocas a expectativa maior consistia no fato de poderem ver de perto um gaúcho autêntico, desses que aparecem em livros e revistas. Mas o que mais os encantou foi a grande quantidade de "olhinhos azuis" que há no Rio Grande do Sul.

E é dentro deste espírito que acabam vivendo uma intimidade de verdadeira família, onde o problema de um é o problema de todos. Mas este vento suave de integração não é eterno. E hora da partida. Como é doloroso ter de abandonar os familiares.

A noite, vai longe. Dentro em breve o bar estará cerrando as portas. Depois do longo tempo, o silêncio. Alguém lembra que amanhã haverá uma prova. E preciso estudar. Barulho de cadeiras e todos saem para um encontro com a madrugada fria.

**OESTE**

Beba  
**Coca-Cola**  
MARCA REG.

**Coca-Cola**  
dá mais vida  
ao dia de sair  
por aí.

# Uma vida dedicada ao índio

As flexas cortaram o ar. Os índios, cheios de ódio e medo, continuavam a disparar suas flexas. Estavam à frente de seus inimigos mortais: os homens brancos. Estavam cansados de serem roubados e mortos, seus costumes desrespeitados, sua terra invadida. Então, com medo e ódio, matavam.

Só que agora o grupo de homens adversários era chefiado por Cândido Mariano da Silva Rondon, desbravador de sertões, construtor de linhas telegráficas. Ao contrário dos outros homens brancos, esse era um amigo dos índios. Seu lema: "Morrer se preciso for; matar nunca".

Rondon e seus comandados tinham armas, mas não atiravam para matar; atiravam a esmo e para o alto procurando ganhar tempo. Os homens brancos fugiam e os índios, gritando, comemoravam a vitória.

Nos lugares abandonados pelos brancos foragidos, os índios encontravam presentes: machados, facas e outros utensílios.

Foi assim que Rondon conseguiu o contato pacífico com dezenas de tribos.

Com forte ascendência indígena, o índio nunca fôra, para Rondon, um estranho.

---

## A COMIDA QUASE MATA RONDON

---

— Abacaxi! Estou com vontade de comer um abacaxi!

A intensidade dos estudos e a alimentação deficiente da escola militar, abalaram seriamente a saúde de Rondon que, freqüentemente, era enviado à enfermaria com perturbações gastrointestinais. Uma vez desmaiou a caminho da sala de aula. Levado a uma república de estudantes, seu estado piorava dia a dia, a ponto de os colegas começarem a organizar uma subscrição para o enterro.

Ao levantar-se da cama e pedir um abacaxi, Rondon espantou os colegas que julgaram-no delirante. Consultaram o médico que, como quem faz as últimas vontades de um moribundo, deu de ombros. Rondon comeu o abacaxi e salvou-se. Depois, comeu outras frutas, mudou de alimentação e voltou aos estudos. Havia perdido um ano.

Rondon se esforçava nos estudos. Em 1884 estava habilitado a fazer o curso superior.

Antes de seu nascimento, no Pantanal do Mimoso, perto de Cuiabá, o pai, Cândido Mariano, já preocupado com a morte, pediu ao irmão, Manuel Rodrigues, que se o filho esperado fosse um menino que o levasse para a cidade. Não queria que seu filho morresse como um humilde vaqueiro. Antes de nascer, Rondon já era órfão de pai e, aos cinco anos, de mãe.

Quando completou sete anos, apesar da oposição do avô, Cândido Mariano foi levado para Cuiabá, onde começou os estudos na escola do mestre Cruz. Terminando o primário, matri-

culou-se no liceu Cuiabano, saindo aos 17 anos como professor.

Como todo rapaz de província, sua ambição era estudar no Rio de Janeiro. Com o consentimento de seu tio, Rondon chegava à Corte. Seu plano era simples: assentar praça como soldado e, com um pequeno soldo, manter seus estudos na Academia Militar da Praia Vermelha. Em 1888 terminou os estudos na escola militar, tornando-se alferes com o título de oficial engenheiro, especializando-se, ainda, em matemática.

### LUTA PELA REPÚBLICA

Como ele é gordo! — disse Chiquita à irmã Teresita, quando ambas foram apresentadas a Cândido pelo pai, o professor Xavier.

Assim, Rondon acabava de conhecer sua futura esposa.

Eram tempos agitados, a monarquia começava a vir por água abaixo. Os grandes fazendeiros, sustentáculos do Imperador, depois da Lei Aurea, lhe retiram o apoio.

Entre os jovens oficiais fervilhavam as idéias republicanas produzidas pelo positivismo. Na escola militar, o grande guia positivista era o professor de Geometria Benjamin Constant. Rondon era seu discípulo dileto. Chegara a hora de Rondon lutar pela República. Nessa época, faz opções políticas e filosóficas, aderindo ao positivismo.

Em 1889, a organização da conspiração estava em andamento. O coronel Solon, do primeiro regimento de cavalaria, soube que o governo estava informado de tudo e que, a qualquer momento, poderia prender os conspiradores. Na manhã do dia 14 comunicou o que sabia ao coronel Benjamin Constant. A noite, em meio a uma festa em que comparecera acompanhado



de sua namorada Chiquita, Rondon foi avisado que os acontecimentos se precipitavam. Pretextando a doença de um companheiro, retirou-se. Foi direto para o quartel do segundo regimento de cavalaria, onde estavam reunidos oficiais do clube militar e das escolas militares, sob a presidência de Benjamin Constant. Ali, decidiu-se enviar um documento ao almirante Vandenkolk indagando sua posição diante dos oficiais republicanos. Para levar o documento foram escolhidos dois alunos prediletos de Benjamin: Tasso Fragoso e Cândido Rondon. A eles coube, também, a

incumbência da Brigada estratégica rebelada e reunida no quartel, e os oficiais revoltosos da Armada.

Ao amanhecer do dia 15 de novembro, Vandenkolk mandou dizer que permitiria a saída da Brigada em direção ao quartel-general. Benjamin Constant assume, então, o comando que consistia numa guarda de alferes, entre os quais se achava Rondon. Um mensageiro enviado a Deodoro da Fonseca comunica que a tropa tomara posição e oferece-lhe o comando. Mesmo doente, Deodoro aceita e, algumas horas depois, era proclamada a República.



## COMEÇA UMA VIDA NOVA

Os republicanos herdaram do Império um país imenso e uma escassez quase total de comunicação. D. Pedro II havia ordenado a construção de uma linha telegráfica ligando Cuiabá ao Rio de Janeiro. Os fios já se estendiam até Franca, cabia aos republicanos completar a ligação até Cuiabá.

Assim, foi composta uma comissão para a construção das linhas telegráficas, cujo comando foi entregue ao major Gomes Carneiro, auxiliado pelo tenente Rondon.

Uma vida nova começava para Cândido Mariano Rondon: a 6 de março de 1890 partia para Cuiabá. Antes, porém, ficou noivo de Chiquita, marcando o casamento para o dia 1 de fe-

vereiro de 1892, quando esperava terminar o trabalho na comissão.

Chegando a Cuiabá, graduado como capitão engenheiro, teve oportunidade de rever seu tio Manuel Rodrigues.

Gomes Carneiro subdividiu seu contingente em três turmas: da vanguarda (localização na estrada), do centro (abertura de picadas e colocação de postes) e retaguarda (levantamento topográfico). Rondon chefiava a última com vinte soldados.

A expedição de Rondon foi avançando pelo sertão e chegou a ficar sem víveres. Mas Rondon foi aprendendo a retirar da floresta o alimento necessário. À noite escutava uivos, assovios e pios. Eram índios se comunicando e se aproximando, muitas vezes hostis. Mas Rondon havia prometido a si mesmo não combatê-los, pois julgava uma covardia.

Queria a integração do indígena na construção de seu país.

Em 30 de abril de 1891 são inauguradas as novas instalações telegráficas; no mesmo dia, Gomes Carneiro entrega a Rondon a chefia da comissão. Em maio, treze meses depois de sua instalação, a comissão dava por findo seu trabalho: 1574 Km de linhas telegráficas haviam ligado cidades, aldeias e fazendas.

Voltando ao Rio de Janeiro, Rondon assume a docência para a qual fora nomeado na Academia Militar, mas era por pouco tempo. O destino de Rondon era a selva. Novamente Gomes Carneiro o chama: era necessário retificar toda a linha telegráfica já que, inicialmente, havia sido feita com fio de cobre e era necessário substituí-la por fio de ferro.

Pede exoneração do cargo de professor, casa-se a 1.º de fevereiro de 1892 e, no dia 6 de março, parte novamente para Cuiabá com a esposa para assumir a chefia do distrito tele-

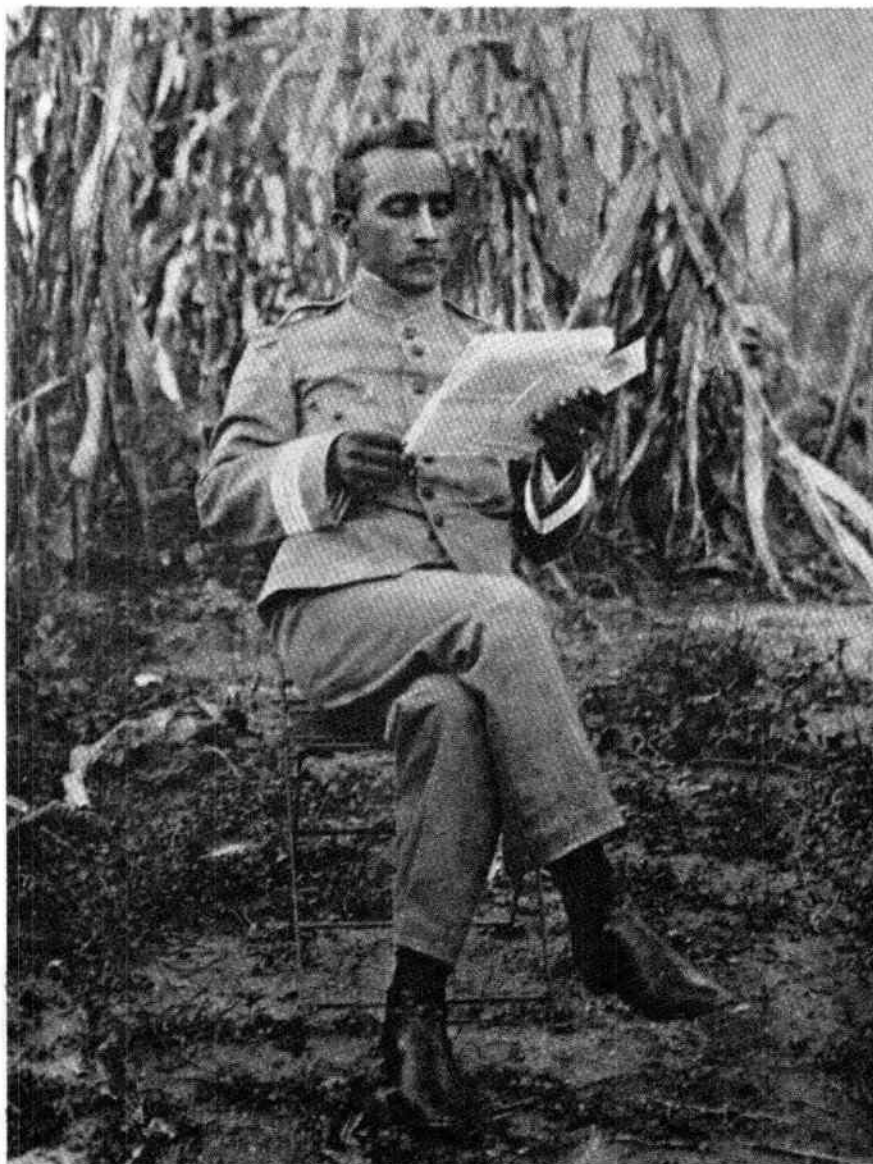


gráfico de Mato Grosso.

Os anos de 92 e 93 foram de árduos trabalhos para Rondon: era necessário manter em ordem as linhas telegráficas, as viagens eram constantes e os estudos profundos, visando a construção de novas linhas telegráficas.

Em 1893 estoura a revolta da Armada. Rondon oferece-se como combatente para manter a República. O governo insta para mantê-lo em Cuiabá, onde deveria construir a estratégica estrada para Goiás.

Rondon resolve viajar para o Rio de Janeiro, mas na última hora fica sabendo que os sol-

dados da comissão haviam se revoltado, expulsando os oficiais. Parte imediatamente para o acampamento e ordena ao corneteiro: "Toque o toque de recolher. Repita, repita".

Os soldados que haviam se refugiado na floresta, voltam ao acampamento e Rondon domina a revolta. Depois, manda oficiais à mata cortar varas e, enfileirando os soldados, vergasta-os durante uma hora.

Assim, Rondon pode viajar tranquilamente para o Rio de Janeiro, embora lhe pesasse o fato de ter utilizado processos tão pouco recomendáveis para manter a disciplina da tropa.

## ADEUS, PARTIMOS, MAS VOLTAREMOS

Quando regressa a Mato Grosso, Rondon de novo recorre a métodos severos para evitar deserções.

De São Lourenço, Rondon parte para as fronteiras, não sem enfrentar grandes dificuldades.

Ao cacique Oarine Ecureu, da aldeia Kejarê, despe-se, dizendo: Adeus, partimos, mas voltaremos.

Numerosas baixas, impaludismo e maleita eliminavam grande parte da tropa. Dos oitenta homens da expedição, restavam apenas trinta. Os bororos ofereceram 120 mulheres, homens e crianças que ajudaram a abrir as picadas. Os índios trabalhavam de graça recebendo apenas bugigangas e machados como forma de pagamento. Assim, sem incidentes, os índios trabalharam durante um ano para a comissão construtora das linhas telegráficas.

Continuava Rondon a desbravar os sertões, a erguer postes telegráficos, demarcando fronteiras.

O presidente Afonso Pena encarregou Rondon de ligar Cuiabá ao Acre. Para isso, seria necessário entrar nas terras dos Nhambiquaras. Preparando-se para visitar a aldeia Nhambiquara mais próxima, Rondon e mais quatro companheiros embrenharam-se na floresta. Depois de um quilômetro de marcha, uma flexa passa próxima ao rosto de Rondon. Outras se seguiram. Rondon atira para o ar e nova flexa quase lhe atinge em cheio o peito, não fosse a bandoleira da carabina na qual ficou engastada.

Apesar de não ter feito vitimas, o ataque agitou a expe-





dição que queria uma represa. Rondon se opôs e mais uma vez conseguiu apaziguar os ânimos entre os componentes da missão.

A missão na terra dos Nhambiquaras, hoje território de Rondônia, foi extremamente difícil: rios foram atravessados a nado e a maleita abatia os companheiros. Depois de três meses, Rondon e seus companheiros haviam percorrido 997 km, desbravando a região e estabelecendo os primeiros contatos pacíficos com os Nhambiquaras. Seu sucessor, Julio Caetano Horta Barbosa, completou, mais tarde, a pacificação dos Nhambiquaras.

---

### RONDON FRENTE AOS INDIOS

---

Em 1910, Rodolfo Miranda, ministro de Nilo Peçanha, convidou Rondon a assumir a chefia do SPI, a ser criado. Rondon respondeu ao convite com uma carta em que expunha seus princípios a respeito do problema do índio. Dizia: "A catequização dos indígenas, compreendendo a sua incorporação à nossa sociedade pela assimilação de nossa indústria, nossas artes, bem como pela adoção de nos-

sos hábitos — que resultam das nossas crenças religiosas, no sentido positivo desses termos — julgo-a ser um problema diretamente inabordável no presente, em que por tantas crenças se repartem as preferências das populações. Como positivista, estou convencido de que os nossos indígenas deverão incorporar-se ao Ocidente sem que se tente forçá-los a passar pelo teologismo".

Rondon esperava, por meio do Serviço de Proteção aos Índios, iniciar a transformação do nosso sertão bruto em zona produtora e até abastecedora, onde trabalhassem os índios pacificados, incorporados à comunidade, como populações úteis e trabalhadoras. Claro que não era tarefa para uma geração. Concorria, também, estabelecer a paz entre os grupos indígenas inimigos.

Rondon alimentava a esperança de que, com a concessão de terras aráveis e de instrumentos técnicos, pouco a pouco os índios abandonariam a vida nômade e se dedicariam à agricultura. Pensava, ainda, que o SPI poderia empregar índios na conservação das linhas telegráficas, mediante retribuição mais justa.

"Ter-se-á sempre em vista que aos indígenas desagradam quaisquer obrigações e ensinamentos sistemáticos, por mais úteis que pareçam a nós, ocidentais; e que só gradualmente poderão eles vir a sentir a utilidade, as vantagens e até a moralidade de coisas e atos a que rendemos mais atributos."

"Transformamos em amigas as nações de gênio belicoso dos nhambiquaras, barbados, quepi queri, pauates, tacuates, ipoti, uats, ariquemês, implantamos no coração dessas nações uma inabalável confiança."

Esses seriam os princípios de Cândido Mariano Rondon em relação aos índios. Eles constituíram as diretrizes da política indianista.

## Repassando a glória do Rondon

### Aula prática de Brasil

Num país habituado a ver suas experiências chegarem ao fim com resultados amargos, o Projeto Rondon é um oásis no meio do deserto: as indústrias o premiam com equipamentos e remédios; as companhias aéreas fornecem passagens quase de graça; os opositores silenciam; e a Igreja que, nos últimos tempos, nem sempre viveu em paz com o governo, abre as portas de seus conventos para hospedar estudantes e oficiais. Mais importante que essa solidariedade, entretanto, são os resultados do Projeto: para milhares de estudantes, o Brasil teórico, dos livros, passa a ser um Brasil concreto, real.

Entusiasmado com a chegada de 132 estudantes, que desembarcaram há poucos dias em São Luís para participar da Operação Rondon, o governador José Sarney, do Maranhão, conseguiu ilustrar bem a importância do projeto: "Eu penso como o astronauta Willian Anders, ao contornar a Lua: não há nada que substitua o olho humano. Entrem, vivam e vejam o Maranhão com os próprios olhos. A casa é sua". (Revista Veja, 1969).

### A nova Rondon

Quartanista de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Plácido Seussel viveu em janeiro e fevereiro a mesma aventura de outros 5 mil jovens brasileiros: a Operação Rondon.

Sua equipe passou trinta dias praticamente isolada do resto do Brasil, na Fazenda Bom Intento, a 17 quilômetros da cidade de Boa Vista, Território de Roraima. As poucas notícias que os estudantes recebiam vinham através da Voz da América ou das ondas da BBC de Londres. Um dia, nas estradas improvisadas entre a Fazenda Bom Intento e um posto da FUNAI, o caminhão que levava os moços para dar assistência médica a quatrocentos índios enguiçou. Plácido e seus companheiros tiveram de andar 22 horas a pé. Depois dessa experiência, Plácido confessa: "Quando parti para Roraima, jamais pensei que a vida lá fosse tão difícil". Um outro estudante paulista, que passou trinta dias no sertão do Piauí, viveu uma experiência semelhante. Ele conta: "Vi mulheres, homens e crianças passando fome. Numa pequena cidade encontrei, na prisão, diversos detentos na mesma cela com leprosos". Como todas as anteriores, a quinta Operação Rondon foi rica em descobertas para seus participantes. (Revista Veja, 25/2/70)

### Aula de Brasil desconhecido

Os universitários que, em julho, estiveram trabalhando na Operação Rondon II, em Ponta Porã, Mato Grosso, ao escreverem o relatório final da viagem, ofereceram seus esforços a "esta geração nostálgica dos grandes rasgos de heroísmo que lhe foram negados". Ao regressar dos trinta dias de estada numa das regiões mais desertas e atrasadas do país, eles não puderam dizer que a

sua viagem tinha sido monótona e despida de emoções. Também os estudantes da Operação III, que começa dia 6 de janeiro, em matéria de aventuras vão se sentir recompensados. A maior parte deles, utilizando-se de aviões da FAB, de navios, corvetas e batelões da Marinha e, muitas vezes, do lombo de animais, será lançada no meio da selva amazônica, nos pantanais matogrossenses e no interior do Nordeste. Trabalharão em regiões infestadas de barbeiros, em aldeias indígenas, em lugares onde a água é tirada de cisternas cavadas junto a cemitérios e onde a única luz à noite é a dos lampiões e das estrelas. (Revista Veja, 1/1/69).

### "Rondon" casa os pais após o parto

Envolto na Bandeira nacional, um bebê pesando pouco mais de três quilos, recebeu seu batismo, dia 25, na igreja matriz de Itaboraí, Estado do Rio, minutos depois de seus pais contraírem matrimônio. O recém-nascido recebeu o nome de Rondon, em homenagem à Operação Rondon que atuou naquela localidade durante 13 dias, e aos estudantes de Medicina Francisco Scattolin e Henri Friedhofer, que assistiram o parto de dona Edilisa, de 21 anos, providenciaram seu casamento com Manuel, de 17 anos.

Após a cerimônia religiosa, a cidade ficou em festa. Todos colaboraram, dando o enxoval para a criança e para os pais. Outros fizeram doces e alguém lembrou que um baile seria bom. (O Estado de São Paulo, 30/7/68)

### "Rondon" atenderá alunos da periferia

Ao mesmo tempo em que, em Brasília, o presidente da Fundação Projeto Rondon anunciava para o início da próxima semana o lançamento da campanha comemorativa dos dez anos de instalação do órgão, em São Paulo, o secretário da Educação, José Bonifácio Coutinho Nogueira, anunciava para os próximos dias a assinatura de um convênio com o Projeto Rondon para atendimento das crianças carentes das escolas da periferia.

Segundo o secretário, numa primeira fase, entre março e abril, serão convocados aproximadamente 5 600 universitários e no final do ano, entre setembro e outubro, mais mil, para atuar em 1.108 escolas carentes da rede estadual. A Secretaria da Educação investirá cerca de 11 milhões de cruzeiros nesse trabalho, cujo principal objetivo é melhorar o nível dessas escolas. (O Estado de São Paulo, 12/2/77).

### "Rondon" dá nome a bebê

A primeira menina nascida sob os cuidados da equipe do Projeto Rondon chama-se, por desejo dos pais, Ronilda Rondon dos Santos, em Bananal, onde 10 estudantes, com a colaboração das autoridades da região, realizaram mais de 800 atendimentos médicos. A Coordenação do Projeto Rondon em São Paulo informou ontem o retorno e as principais atividades das equipes. Não houve nenhum acidente com os participantes. (O Estado de São Paulo, 27/7/68).